

# O carnaval de Magalhães

O senador-candidato, depois de perder o general Euler Bentes como vice, quer dar a volta por cima. E quer (também) seduzir as oposições. Conseguirá?

Magalhães Pinto cometeu o primeiro erro, talvez decisivo, na sua tentativa de dividir as forças armadas e através delas os convencionais da ARENA, ao anunciar que tinha no bolso do colete o "seu" general de 4 estrelas. O senador errou, ao se referir a um general de 4 estrelas como um mero instrumento, e também ao avaliar mal a disposição do general Euler Bentes Monteiro em ser seu vice. Este nem sequer confirmou seu apoio a Magalhães e - de certa forma - se apresentou como um "tertius", um possível candidato de conciliação. Enquanto isto, os remanescentes do grupo "frotista" se reconciliavam com o Palácio do Planalto.

Magalhães tentará agora seduzir o MDB e outros setores da oposição e, por tabela, procurará novamente o apoio de Euler Bentes lançando uma plataforma política que buscaria se aproximar o mais possível das posições assumidas por setores mais amplos da oposição, incluindo também o leve nacionalismo de Euler Bentes.

Ao mesmo tempo o senador não abandona suas esperanças de que surja uma dissidência aberta dentro do poder central: "Nós temos alguns militares" - diz ele. Na verdade, os primeiros esboços do programa de Magalhães denotam divergências acentuadas entre seus seguidores, principalmente quanto à questão das liberdades sindicais, anistia, e até mesmo quanto ao tratamento a ser dado ao capital financeiro. Mas o programa parece estar ainda longe de certas bandeiras do MDB, tais como a convocação de uma Assembleia Constituinte.

Ainda assim, os atuais seguidores do senador acreditam numa aproximação entre a campanha de Magalhães e as oposições: "A candidatura de Magalhães poderá se transformar numa frente nacional democrática", diz o jornalista Samuel Weiner. O que é negado por setores do próprio MDB, e contestado pela oposição mais consequente que ora se manifesta, pois - de resto - tal frente não passaria de um engodo cujo limite máximo seria "Constituinte, com Magalhães".  
 (Magalhães, seu programa e o MDB, na pg. 5)

*Chorei, não procurei esconder  
 Todos viram, fingiram  
 Pena de mim não precisava  
 Ali onde eu chorei...*



## Quem organiza as mulheres?



*É, MAS DAÍ QUEM É QUE FAZ COMIDA PRO MARIDO, ARRUMA A CASA? JÁ DESANDAR TUDO... NOITE FOI FEITA PRA DESCANSO!!*

No I Congresso da Mulher Metalúrgica promovido pelo sindicato de São Bernardo e Diadema, SP, a necessidade da organização específica da mulher para levar adiante suas lutas, ainda é uma reivindicação dispersa e contraditória. O machismo, o paternalismo aparecem então, como manifestações possíveis numa sociedade onde a participação direta da mulher na vida política é quase nula. (pág. 7)

Dom Angélico:

## Entre um e outro, fico com nenhum.

O jogo da sucessão presidencial não tem mistérios para o bispo Dom Angélico Sândalo Bernardino de São Paulo: "Não vejo com nenhuma esperança os candidatos que se apontam por aí.



Na verdade, o sistema político partidário é que está errado. Não podemos suportar mais que os governantes sejam feitos marginalizando o povo da escolha", declarou ele numa entrevista exclusiva ao EM TEMPO. Da sua parte, a missão Portela "não merece nenhum respeito", mas sim desconfiança, pelo fato de não ter ouvido diretamente os trabalhadores, ou por exemplo, o cardeal D. Paulo Evaristo Arns.

O papel da igreja foi também abordado: "Em qualquer ambiente ela deve anunciar a fraternidade contra a mentira, o despotismo, a injustiça, os falcatruas sem conta, contra o esmagamento e a exploração do homem". Ele revelou sua opinião sobre as reformas partidárias: "Todos devem ter o direito de organizar seu próprio partido. Porque só os socialistas não poderiam fazê-lo? Seria muito bom se tivéssemos aqui no Brasil um partido que amalgamasse as inspirações trabalhista,

cristã e socialista. Como misturar isso tudo é um desafio, mas eu gostaria de ver aparecer". Depoimento de Dom Angélico e trechos das entrevistas concedidas ao EM TEMPO por representantes de entidades estudantis e por membros de oposições sindicais, na página 4.

## Trabalhismo Palaciano

O Partido Trabalhista em articulação pelo secretário Jorge Maluly Neto, das Relações do Trabalho de São Paulo, está nascendo sob o signo das irregularidades na administração pública, conforme acaba de denunciar o deputado Rui Brito, MDB-SP.

Quem é Maluly e como seu projeto de um "trabalhismo sadio" se enquadra nas reformas políticas que o governo diz que vai impulsionar, este ano, é um dos assuntos da pág. 5.

|                                  |           |
|----------------------------------|-----------|
| <b>Ala socialista no MDB</b>     | <b>3</b>  |
| <b>A economia sai do buraco?</b> | <b>4</b>  |
| <b>Vestibular na redação</b>     | <b>8</b>  |
| <b>Emprego? Procurar a CIA</b>   | <b>10</b> |
| <b>Quem matou Eugênio Lyra?</b>  | <b>12</b> |



## Namoro MDB -Magalhães:

## QUE FRENTE É ESSA?

Ulisses Guimarães já deu o recado: é possível o MDB apoiar a candidatura de Magalhães. Não por acaso, isto acontece quando o partido de oposição deu uma guinada para a direita. Se continuar assim, não estará longe o dia que o MDB proponha a seguinte palavra de ordem: "Constituinte com Magalhães".

O MDB está no fim? Responde Ayrton Soares, deputado federal do MDB - SP: "Apenas uma coisa impede a desagregação do MDB: as eleições de 78. Em 74 foi assim, isso dá voto". Soares explica porque: "Com a perspectiva das reformulações partidárias, todos se esquecem que é interessante manter a frente, que é o MDB".

Que frente é essa? Tarcísio Delgado, deputado federal do MDB - MG acha que o partido deve se afirmar como "frente ampla das oposições", centralizando as lutas contra o regime político-militar. Samuel Weiner, jornalista da Folha de São Paulo, prognostica a formação de uma "frente nacional democrática" cujo nascedouro se daria no momento em que o MDB apoia a candidatura de Magalhães à presidência da República. Diz ele: "O Magalhães praticamente se apoderou da bandeira do MDB. Ele está fazendo a campanha que o MDB deveria estar fazendo". Ou seja, Weiner sugere que o MDB deveria ter lançado seu próprio anti-candidato.

Ulisses Guimarães também já navega nas águas da candidatura de Magalhães, afirmando que o MDB poderá apoiar o senador. Mais definido, Alberto Goldmann, deputado estadual do MDB - SP, vai mais longe. "Se aparecesse um candidato que aceitasse integralmente as teses do programa do MDB, desde a extinção do AI-5 até a anistia e a Constituinte, diz ele, então se poderia aceitar - como um momento político - uma eleição indireta". Ou seja, em breve o MDB poderá lançar a bandeira de "Constituinte com Magalhães".

Tancredo Neves, por seu lado de certo interpreta diferentemente de

Goldmann o que é o programa do MDB, pois para o deputado mineiro Magalhães está fazendo uma "pregação perfeitamente coincidente com o programa do MDB, em alguns pontos até mais avançada que o programa emedebista".

A posição de Ayrton Soares e de Tarcísio Delgado, centrada na ideia de lutar para que o MDB se imponha como "frente das oposições", parece estar sendo vigorosamente solapada pela corrente que insinua o apoio a Magalhães. De resto Ayrton Soares não tem razão em prognosticar o fim do MDB devido a articulações partidárias em geral. O melhor: ele tem razão parcialmente, pois o endosso da candidatura Magalhães constitui praticamente uma tomada de posição partidária, à direita do programa do MDB.

Portanto, o mais correto é se afirmar que a imensa maioria do MDB, a começar da direção nacional, deseja o fim do MDB ou já trabalha como coveira do partido de oposição.

Magalhães, de fora do MDB, entra na cena interna do partido para revelar aos olhos de quem quer ver que o MDB hoje não é mais que um espectro fantasmal do que se propôs ser, e isto a despeito de que certamente cumprirá papel importante nessas eleições de 78, como depositário dos votos das oposições contra o regime de 64. A vela emedebista da Constituinte está no chão, pois nas suas mãos ela se tornou uma quase-farsa, a despeito da atitude combativa dos neo-autênticos. O programa do MDB, limitado, liberal, é certo, não é mais que uma bandeira hasteada a meio-pau. Quem é o defunto?

Seria o caso de repetir o refrão:

deixai que os mortos enterrem os seus mortos, pois outra coisa não tem feito a maioria do MDB e sua cúpula senão investir-se como coveiros da ex-futura "frente das oposições" desejada por alguns neo-autênticos.

Então, o MDB está no fim? Os que defendem, como o Setor Jovem do MDB-RS, a formação de uma tendência socialista dentro do partido não propõem o fim do MDB. Os que estão de malas e bagagens na estação adesa do trem de Magalhães já decretaram o fim do MDB e sua transfiguração em um partido liberal de centro-direita capitaneado por Magalhães.

Ulisses concedeu a Portela a trégua desejada para que o Planalto resolvesse a sucessão sem a artilharia parlamentar emedebista. Agora, o presidente do MDB já se prepara para mover o barco emedebista com a vela da "Constituinte com Magalhães" içada. Enquanto isso, Tancredo Neves articula a sua eleição para a liderança do MDB na Câmara e se prepara para se tornar embaixador do partido de oposição junto às reformas de Geisel. Assim, a nau da oposição, pela mão de sua capitania visa não mais que intrrometer o programa do MDB no bau das reformas. Se houver êxito, então é provável que tenhamos pela frente a consigna "oposicionista" de "Constituinte com Geisel".

Eles sabem o que fazem, sobretudo agora quando os trabalhadores e outros setores sociais avançados das oposições começam a dar mostras de poderem falar em seus próprios nomes. Mais ainda: a nau emedebista busca os ventos da direita justamente no momento em que na ordem do dia é colocada a

questão de se organizar um partido socialista, que poderá assumir a forma organizativa de uma federação das esquerdas socialistas. Os ventos sopram e a odisséia de Ulisses vai deixando de ser heróica.

Agora é a hora e a vez do "missionário", Magalhães não deixa de ter razão quando afirma, para os militares refletirem, que "a Revolução sou eu". Quatorze anos e quatro governos depois do 31 de março o banqueiro se insurge como o padroeiro do "milagre político do regime". Ele deseja se impor como a voz política da "sociedade civil". No entanto, é preciso dizer que a "sociedade civil" de Magalhães é organizada e dirigida de acordo com a vontade da platéia seleta que o elegeu em 76 "O Homem de Visão", platéia à qual se dirigiu prometendo defender a propriedade privada por todos os meios.

De seu programa político o que se sabe até agora é ser ele contrário à anistia plena, alegando que "isso poderá provocar um endurecimento do regime". Disse que defenderia mudanças constitucionais, mas disse NÃO à Constituinte, a qual poderá vir a apoiar, desde que tutelada pelo Estado e pela oposição burguesa que ele representa.

Bentes Monteiro puxou o tapete de Magalhães. Mas o velho banqueiro tem um grande trunfo: ele já lançou a ponte sobre os setores da oposição que difusamente giram em torno do MDB. E a cabeça de ponte dessa investida é a própria cabeça do MDB. Em quatorze anos jamais os governos militares obtiveram esse prodígio. Daqui em diante será dele a odisséia. (João Batista)



## Uma "tendência socialista" no MDB gaúcho

A formação de uma tendência socialista dentro do MDB foi proposta pelo Setor Jovem de Porto Alegre, em documento divulgado no dia 23 de janeiro. De início, a articulação poderia passar pelo lançamento de candidaturas a deputado estadual e federal e ao Senado, em sublegenda. Os candidatos já atuam como propagandistas da plataforma da tendência socialista que contém nove pontos, dentre os quais se destaca a defesa do "controle da produção e participação dos trabalhadores, empregados e funcionários na gestão das empresas privadas e públicas".

Imediatamente após o lançamento, o Setor Jovem recebeu adesões do interior do Rio Grande do Sul. O prefeito do município de São Luiz Gonzaga, Jauri de Oliveira e o vereador Irani Muller (irmão do deputado cassado Amauri Muller), entre outros, apoiaram o documento.

Simultaneamente, jornais locais davam destaque ao assunto e a Assembleia Legislativa interrompeu de fato o recesso, substituindo as férias por acalorados debates. As questões do socialismo entraram na ordem-do-dia, e o eurocomunismo era citado como exemplo

de socialismo necessário para o Brasil.

É evidente que se fazem ouvir vozes discordantes, como a do deputado Cícero Viana, da Arena que afirmou estar "a direção estadual do MDB permitindo que setores pregassem a comunização do país e do partido".

O MDB não tardou a responder, através do deputado Waldir Walter que convidou o deputado arenista a tomar lições de democracia com os eurocomunistas italianos. O Setor Jovem também entrou na briga chamando Cícero Dias de "dedo-duro confesso".

Já no dia 24 de janeiro o deputado Américo Coppetti, autêntico do RGS, declarou-se simpático à ideia da organização de uma tendência socialista no MDB, o que de imediato gerou o boato que seria ele o candidato ao Senado na sublegenda.

EM TEMPO publica em primeira mão o documento do Setor Jovem do MDB-RGS, que propõe a organização de uma tendência socialista no MDB.

"Sucessões presidenciais (...) desde o golpe de 1964, excluem toda e qualquer participação popular, reduzindo-se a uma restrita discussão e avaliação de forças no interior do próprio regime.

No entanto a próxima sucessão presidencial vem adquirindo uma importância maior na medida em que revela uma crescente luta interna nas forças que sustentam o regime. (...) Enquanto se verifica esta luta no seio das classes dominantes os setores "moderados" do MDB, quando não fazem o jogo do regime, apoiando este ou aquele candidato à presidência, ficam esperando as "reformas prometidas" e boicotando abertamente a campanha pela Constituinte.

Entendemos que ao MDB não cabe tomar posições em favor de qualquer das facções em luta. Nem mesmo em favor da facção representada pela aliança Magalhães Pinto-Severo Gomes, que acena com um tímido programa liberal. Deve ficar bem claro que enquanto a oposição luta por uma anistia ampla e irrestrita, Magalhães quer apenas a revisão das punições; enquanto a Oposição luta por uma Constituinte livre e soberana, Magalhães deseja a volta da Constituição de 1967 e "reformas" via um Congresso mutilado e eleito sem ampla liberdade de propaganda e debate. Já o candidato oficial dispensa maiores comentários, pois todos sabem ser um homem estreitamente vinculado ao aparato repressivo do regime e representa a continuidade do governo atual.

A oposição cabe é denunciar a farsa montada pelo regime através do "pacote de abril", que excluiu o povo brasileiro de qualquer participação, e mobilizar em favor da única alternativa democrática e popular que é a convocação de uma Assembleia Constituinte. Denunciar a farsa significa mobilizar o povo em favor da realização de eleições

livres e diretas, significa não participar dos colégios eleitorais. (...)

Frente a todas essas questões colocadas pela conjuntura política, os setores liberais e conservadores do MDB têm-se mostrado incapazes de responder ao regime através de ampla mobilização popular, preferindo ficar na defensiva e esperar para ver o que acontece...

Não há mais dúvida de que somente os setores progressistas da Oposição realmente interessa uma ampla mobilização pela convocação de uma Constituinte democrática e popular.

Mas para que estes setores da Oposição sejam capazes de levar adiante a tarefa de mobilizar as amplas camadas populares da sociedade na luta pela democracia é necessário que se organizem e definam um programa identificado com os interesses dos trabalhadores e de todos os setores explorados. Isto significa atuar conjuntamente com os demais setores da Oposição (liberais, conservadores etc...) na luta contra a ditadura, mas de forma diferenciada e mantendo autonomia em relação a estes outros setores do MDB.

Neste sentido propomos: A união das forças progressistas e populares do MDB em todo o país - Senadores, Deputados, Vereadores, Prefeitos, líderes de base, filiados em geral - que desejam uma transformação profunda na sociedade brasileira para a formação de uma **tendência socialista no MDB**.

Que a **tendência socialista no MDB** defina um programa capaz de mobilizar os setores oprimidos da sociedade, e que o mesmo inclua, entre outros, os seguintes pontos:

1. **Luta pela liberdade de organização e expressão para qualquer partido político;** 2. **Extinção de todos os Atoes e decretos ditatoriais como o AI-5, o decreto 477, a Lei de Segurança Nacional e dos organismos de repressão política;** 3. **Anistia ampla e irrestrita a todos os presos políticos,**

4. **Estatização de todos os serviços básicos da sociedade (transportes coletivos, hospitais, escolas e universidades) com plena gratuidade nas áreas de educação e saúde pública;** 5. **Estatização de todos os setores básicos da economia e nacionalização das empresas estrangeiras;** 6. **Solução para as questões agrárias conforme os interesses dos trabalhadores rurais e dos pequenos agricultores;** 7. **Fim imediato da política salarial e reposição do poder aquisitivo dos assalariados, perdido nos últimos 13 anos. Garantia total de direito de greve e extinção da legislação trabalhista que atrela a organização sindical ao governo;** 8. **Controle da produção e participação dos trabalhadores, empregados e funcionários na gestão das empresas privadas e públicas;** 9. **Convocação, por conquista ou pressão popular, de uma Assembleia Constituinte que garanta as reivindicações acima citadas e estenda o voto universal e secreto aos analfabetos, soldados e marinheiros.**

Que a **tendência socialista no MDB** defenda o seu programa nas próximas eleições parlamentares e participe da mesma com candidatos a deputados estaduais e federais, e inclusive com um candidato ao Senado Federal em sublegenda.

Porto Alegre, 23 de janeiro de 1978. José Carlos de Oliveira, Presidente do Setor Jovem Metropolitano de Porto Alegre.

## A conjuntura e a oposição

EDITORIAL

Não resta dúvida de que a oposição depara-se com uma conjuntura nova. E que há muito o que se definir, sob pena de os verdadeiros oposicionistas não tirarem partido das modificações em curso. De seu lado, o MDB assiste, contemplativamente, a banda passar, sem entender muito bem porque a ofensiva do Palácio do Planalto esvaziou a sua bandeira de Constituinte e porque boa parte dos seus liberais aderiram à caravana de Magalhães.

Nos arraiais do bloco dominante há uma inquietação reformista que se manifesta em duas vias: a primeira é a de Geisel-Figueiredo que busca transformar o autoritarismo num "autoritarismo regulamentado", tratando de tornar regra o que agora é exceção. É a continuidade do regime militar, mas com uma nova feição na qual abre-se espaço para a recomposição de suas bases sociais. Ao contrário do "Pacote de Abril", este projeto tem ofuscado alguns setores oposicionistas moderados.

A outra via é a de Magalhães Pinto. Dotada de uma maior ousadia, a campanha do senador mineiro é em parte determinada pelo seu oportunismo que cresce à cada momento, tornando mais difícil concretizar a sua obsessão de ser Presidente da República. De qualquer maneira ele começa a representar uma tentativa de superar a crise econômica e política com a volta dos civis ao governo.

Passando por cima das contradições sociais e econômicas, ele se esforça em colocar uma cunha no campo da oposição, absorvendo determinadas bandeiras do MDB, para atrair os mais vacilantes. Com isto, pretende matar dois coelhos de uma só cajadada: ampliar a sua base social e dificultar a possibilidade de os oposicionistas consequentes materializarem a sua própria alternativa. Resumindo: sua campanha civilista segue a esteira de Severo Gomes, que, em entrevista à revista "Isto É", mostrou ser necessário fazer as mudanças antes que as insatisfações se transformem numa revolução popular. Recuperar-se assim o velho adágio de 1930: "façamos a revolução antes que o povo a faça".

De pouco adianta sentir dor de cotovelo porque parcelas dos libe-

rais e intelectuais vem topando o jogo de Magalhães. Importa entender que isto faz parte de um fenômeno novo: o campo da oposição passa por um processo de redefinição, onde algumas forças estão mudando de lado. Em parte pelo espaço conquistado pela maré reformista e em parte pelo avanço da própria luta, determinados setores que à época do episódio da "Carta aos Brasileiros" se mostravam sensíveis a uma aliança com o movimento estudantil, com os trabalhadores e outros setores populares, vislumbram agora a candidatura de Magalhães como o melhor caminho para a concretização de seu "Estado de Direito".

No MDB as coisas não se dão por menos. Enquanto a sua cúpula se divide entre o apoio a Magalhães ou até mesmo o aval para as reformas impostas pelo regime, na tentativa de ampliar o seu conteúdo, os autênticos praticamente se atomizaram e não conseguem propor uma alternativa aos novos problemas da conjuntura. Em síntese: o MDB assiste a Magalhães roubar algumas de suas bandeiras e, como partido, vai perdendo a razão de sua existência. Se, em 1974, chegou a ser o caudal onde desaguaram os protestos populares, hoje ele se justifica apenas como o mecanismo que pode ser utilizado para impor uma nova derrota ao Governo nas próximas eleições e como legenda para os oposicionistas que, no futuro, se comprometerão com alternativas mais consequentes.

A redefinição do campo da oposição é apenas um lado da moeda. O outro é o seu aprofundamento, que será decisivo para explicitar o caráter da aliança dos trabalhadores com as demais camadas populares. A adesão de liberais ao projeto de Magalhães está a indicar que, em contrapartida, a direção da luta pelas liberdades democráticas tende a ser deslocada das mãos destes para as mãos dos trabalhadores e demais camadas populares comprometidas com a alteração radical da sociedade. Isto significa que as liberdades democráticas não se materializam num mero enunciado jurídico-político - e portanto formal - no qual estão ocultas as profundas desigualdades sociais e econômicas.

Isto porque, para os trabalhado-

res, a verdadeira democracia passa necessariamente pela transformação da vida econômica, de tal forma que importantes problemas como a questão nacional e a agrária sejam solucionados dentro de sua ótica. Evidentemente, isto pressupõe que a direção da economia esteja nas suas mãos. Compreendida desta maneira, a luta pelas liberdades democráticas põe em xeque tanto o poder como o próprio caráter capitalista da nossa sociedade.

O espaço criado pela conjuntura já permite combinar as bandeiras imediatas de liberdades democráticas com uma plataforma que contemple a superação das contradições geradas pelo modo de produção capitalista. E só desta maneira é possível superar o risco do imobilismo que frequentemente ameaça a oposição.

Através de tal proposta é possível concretizar um amplo movimento que leve a oposição a superar sua fase de atomização e dispersão. Este movimento pode vir a contribuir decisivamente na formulação de uma política independente e na conquista de uma organização autônoma dos trabalhadores. É evidente que, enquanto movimento, ele abrigará correntes heterogêneas e que a sua atuação se dará num vasto campo. Neste deverá ter um papel - ainda que não o principal, a atuação parlamentar e institucional. É importante, desde já, lutar para que na próxima reorganização partidária qualquer partido de oposição que surja garanta de antemão alguns pré-requisitos básicos. Estes, devido ao fato de a reorganização estar inserida ainda num regime de exceção, podem ser entendidos da seguinte maneira: um futuro partido de oposição deve ter um programa que combine a luta pelas liberdades democráticas com a superação das contradições sociais e econômicas da atual sociedade; deve caracterizar-se muito mais como uma frente do que um partido; deve ser compreendido como transitório; e, finalmente, deve ter uma ampla democracia interna, na qual esteja assegurada o direito de facção para que seu setor mais combativo não seja traído como aconteceu com os autênticos do MDB.

# A economia política das "reformas"

Distensão sem acumulação de capital, só mesmo prá (burguês) inglês ver. A crise da economia brasileira está longe da superação. Suas raízes prendem-se a um velho problema: como financiar a expansão do capitalismo nos quadros de uma economia atrasada e dependente. Esta questão irá limitar bastante a atual audácia reformista do regime.

A economia brasileira entra em 1978 em seu quarto ano de crise. Oficialmente, a opinião pública ainda vem sendo engabelada pela "crise do petróleo" embora oficialmente já há quem reconheça tratar-se de algo um pouco mais sério. E daqui e dali espoucam tímidas sugestões de reforma do modelo de acumulação capitalista atual.

Recentemente, vasou para o público um trabalho elaborado durante seis meses pelo IPEA, órgão da Secretaria de Planejamento da Presidência, que questiona aspectos do modelo, propondo alterações.

Este trabalho, "Prioridades e perspectivas da economia brasileira", aponta algumas "distorções": "A despeito das altas taxas de crescimento, a economia brasileira não tem sido capaz de resolver os problemas da pobreza e subemprego. Ao contrário, existem evidências de que os desequilíbrios no mercado de trabalho e as desigualdades de rendas se agravaram nas últimas décadas."

A nível das soluções alternativas, no entanto, o documento não avança muito, indo pouco além da declaração de intenções e da conciliação formal de metas contraditórias. Assim, propõe ao mesmo tempo a manutenção da taxa histórica de crescimento do PIB, de 7% a 8%, a redução do ritmo da acumulação de capital e uma certa redistribuição de renda; propõe ainda a prioridade ao mercado interno embora querendo manter o crescimento das exportações; além de pretender solucionar o problema do desemprego a partir de uma tecnologia intensiva de mão de obra.

Detectando pela superfície as contradições e dificuldades do capitalismo brasileiro e ao mesmo tempo apontando soluções bizantinas, o documento é um bom indicador da falta de perspectivas da política econômica oficial. Na verdade, a questão relevante é saber das possibilidades do capitalismo brasileiro superar sua crise, partindo para um novo ciclo de expansão. E a resposta tem que partir de um entendimento das raízes mais profundas da crise.

## Estouro inflacionário: o velho problema

A crise que atinge a economia brasileira já em meados de 1974 não é totalmente nova. Tanto na conjuntura recessiva do início dos anos sessenta como agora, a crise que se segue à fase de crescimento acelerado é marcada pelo acirramento da

inflação e pela tendência ao desequilíbrio do balanço de pagamentos, fatores que na verdade estão umbilicalmente ligados.

A intensificação do processo inflacionário deve-se a velhos problemas de financiamento para a expansão da produção. Dada a quase inexistência de recursos financeiros, própria de um capitalismo que nasce tardiamente e dependente, as exigências da acumulação foram aos poucos conformando uma característica estrutural do Estado, estreitamente vinculada à inflação: na insuficiência do capital (financeiro) privado, caberia ao Estado criá-lo, partindo de imediato para um esquema de emissão inflacionária. Esta foi, por exemplo, a característica onipresente do Plano de Metas do governo J.K., a um só tempo a causa de seu sucesso expansionista bem como de seu fracasso inflacionário. Também razão do oscilante, e depois permanente arrocho que despencou sobre os trabalhadores brasileiros.

Permanente porque o capitalismo brasileiro não se emendou. Simplesmente modernizou-se, trocando a tradicional emissão inflacionária por um conjunto de expedientes tecnicamente mais "científicos". No pós-64, partiu-se para uma ampla reforma (financeira e fiscal, principalmente) buscando-se a solução para os problemas de acumulação e financiamento. No entanto, esta reforma não obteve muita coisa. Se por um lado o Estado conseguiu aumentar sua capacidade financeira, principalmente através de fundos de poupança compulsória (FGTS, PIS, etc) e de títulos do Tesouro, de outro as reformas quase nada conseguiram do sistema financeiro privado. Este manteve sua tradicional incapacidade de financiar os investimentos de longo prazo e, a partir de uma estrutura mais moderna apoiada no Tesouro Público, aumentou seu grau de manobra para a realização de operações de cunho meramente especulativo.

Nestas condições, o fôlego das res-

formas logo se mostrou curto, impondo-se de modo permanente o arrocho salarial e, isto não bastando, o financiamento inflacionário voltou a crescer, basicamente a partir de 1971 atingindo seu auge em 1973. Se bem que agora oculto por truques contábeis que não permitem sua identificação nos tradicionais déficits orçamentários cobertos com emissão monetária.

## O estrangulamento nas contas externas

Os desequilíbrios no balanço de pagamentos representam a outra manifestação cíclica da crise brasileira. Advém, em primeiro lugar, da frágil posição da economia brasileira na divisão internacional do trabalho incapaz de competir com as

velhas economias capitalistas centrais. Em segundo, da internacionalização crescente da economia, o que implica em elevadas remessas dos chamados "serviços do capital". E finalmente em terceiro lugar, da própria insuficiência de recursos financeiros para investimentos o que leva às operações casadas: importar ao mesmo tempo um "pacote" de empréstimos e um outro de mercadorias (geralmente bens de capital).

A crise brasileira assume assim características bastante peculiares, que lhe conferem um caráter não automático, ficando nas mãos do Estado a decisão. Ou frear o ritmo de crescimento, como forma de conter a inflação e os desequilíbrios no balanço de pagamentos, ou tentar manter tal ritmo às custas da exacerbação daquelas contradições.

Este dilema vem acompanhando a economia brasileira desde 1974.

sendo que até agora não se optou por um dos dois lados, imperando a política do "stop and go". Freou-se a economia a partir de meados de 1974 provocando-se uma mini-recessão que se prolonga por todo o ano de 1975; em 1976 soltou-se as rédeas e a economia volta a crescer; finalmente em 1977 freou-se novamente e o ritmo volta a cair.

## A impotente onipotência do Estado

No entanto este aparente controle da situação por parte do Estado é falso, refletindo muito mais sua crescente incapacidade em compatibilizar os vários interesses burgueses na direção de resolver aquelas contradições apontadas. As quais, pouco a pouco vão passando de econômicas à políticas, configurando um quadro de crise latente do regime.

Na realidade, a crescente importância do Estado como agente financiador é viabilizador do processo de acumulação e, em momentos de crise, contraditória com o caráter autoritário do regime. De um lado, a importância econômica decisiva do Estado e do outro o caráter fechado de suas decisões. Dicotomia que explica na essência o retorno do projeto distensionista. Mas as artimanhas da política vão encontrando um palco estreito para sua encenação

## "Reformas" não financiam ninguém

Em relação às crises anteriores e de forma especial a de 1964, a situação econômica atual apresenta três importantes diferenças que a torna bem mais grave. Em primeiro lugar o imobilismo da política econômica que até agora, após quatro anos de

crise não conseguiu realizar ainda nenhuma reforma financeira importante, ao contrário do pós 64. A segunda grande diferença encontra-se na agricultura. Há 13 anos atrás predominava na produção agrícola a chamada agricultura de pequenas roças (pré-capitalista) que funcionava com preços aviltados e poucos recursos. Hoje em dia a produção de alguns dos principais produtos agrícolas é tocada em moldes capitalistas, forma extremamente exigente em termos de recursos (créditos) e de preços. Esta a agricultura se move portanto entre duas hipóteses: a possibilidade de falir, no caso de seus preços baixarem, e a impossibilidade de reproduzir-se ampliadamente no caso de uma redução relativa dos financiamentos a ela destinados.

Nesse ponto, o chamado "Super Ministério da Agricultura" do general Figueiredo, e que segundo consta e produto das meditações parisienses de Delfin Neto, encontra sua virtual inviabilidade: a tentativa de canalizar doses maciças de investimentos para o setor agrícola com vista à exportação e ao barateamento da alimentação popular, passa pela solução do problema geral do financiamento, além de depender do crescimento dos mercados externos.

E tem-se aqui a terceira grande diferença da crise econômica atual com relação a 1964. Hoje ela se insere numa conjuntura de crise econômica internacional, que de resto não aponta ainda solução a curto prazo. O que coloca em questão tanto a possibilidade de crescimento das exportações quanto a grande afluência de investimentos externos. Estes, em períodos de crise são suspensos aguardando uma redefinição estratégica na divisão internacional do trabalho. E ao que parece o imperialismo ainda está indeciso.

Em virtude destas dificuldades as perspectivas para a economia brasileira no curto e médio prazo são sombrias, embora não se possa prever nenhuma catástrofe. Pode-se esperar, isto sim, que tão cedo não ocorrerá um novo "milagre". E assim, o binômio "Segurança e Desenvolvimento" se encontra manco de uma de suas pernas, a segunda. O que na conjuntura atual impõe para a burguesia a difícil tarefa de adequar a outra perna, o regime, para que ela possa alcançar um passo que, mesmo mais lento, lhe propicie uma dominação mais estável e contínua.

(Maurício Borges Lemos)

# Trabalhadores do Brasil, cuidado: Maluly está às soltas!

O sonho de articular um novo trabalhismo situacionista, cópia adocicada do PTB que Getúlio Vargas costurou na década de 40, pode tornar-se o elo decisivo do projeto partidário em gestação no Planalto. No modelo de quatro partidos, que os oráculos da democracia "relativa" pretendem acionar em março de 1979, o governo reserva-se o direito de ficar com dois. E certo que um deles será o epigono do PSD, onde vão se abrigar os futuros governadores e demais políticos dotados de "densidade eleitoral"; o segundo, espécie de reserva tática para garantir maioria absoluta em áreas urbanas, deveria imitar o velho PSP - restaurado o populismo rasteiro, como ensinara o falecido ex-governador paulista, Ademar de Barros, nas últimas semanas, porém, passou-se admitir em Brasília que a aliança PSD-PTB, mesmo que perigosa, soa mais duradoura que o pacto PSD-PSP.

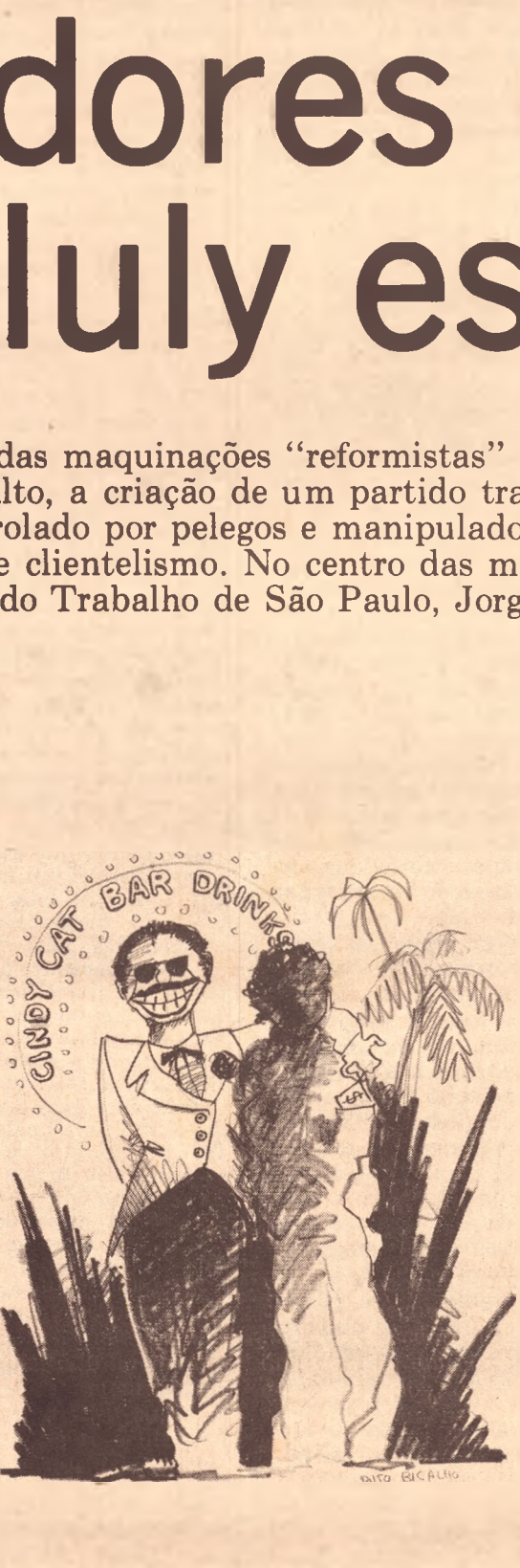
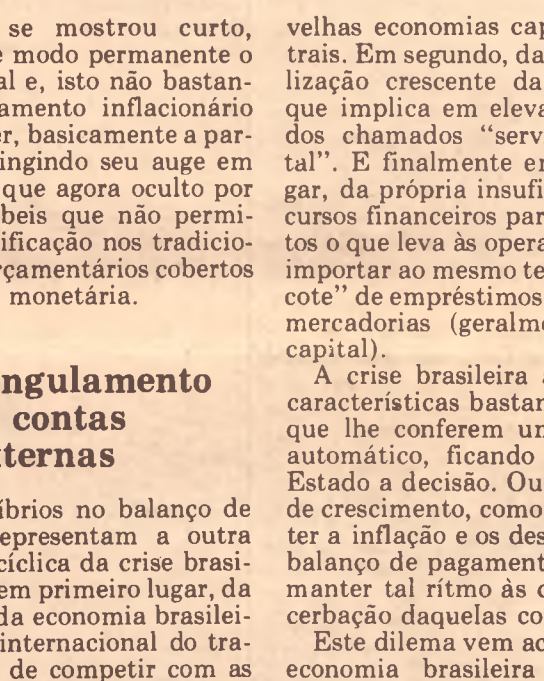
A bem da verdade, diga-se que os funcionários graduados que se dedicam aos "jogos políticos" leram o suficiente para saber que em meados do século passado uma voz autorizada já demonstrava que a história não se repete - a não ser como farsa. Para eles, contudo, a experiência partidária brasileira do pós-guerra não se esgotou completamente. Ao contrário, no raciocínio palaciano, a crescente unificação nacional oferecida pela TV e a convicção de que é possível evitar a proliferação de pequenos grupos eleitorais de de conveniência, tornariam ainda mais viável o esquema de quatro grandes partidos - com uma possibilidade de desdobramento, talvez para cinco ou no máximo seis, depois de alguns anos.

Em busca do arranjo claramente majoritário, o governo trata de reunir desde logo o clientelismo regional, pintando-o com tonalidade levemente centristas e outorgando-lhe a responsabilidade de ganhar as eleições em pelo menos, 15 estados. Nos grandes centros, onde a situação tem sido derrotada, até com facilidade, surgiu desde logo a necessidade de um partido

Faz parte das maquinações "reformistas" do Palácio do Planalto, a criação de um partido trabalhista controlado por pelegos e manipulado por políticos de clientelismo. No centro das manobras, o secretário do Trabalho de São Paulo, Jorge Maluly.

auxiliar. A primeira ideia, tida como perfeita até fin do ano passado, buscava concentrar força no eixo Rio-São Paulo, através dos herdeiros de Ademar de Barros. O sucesso eleitoral do governo ficaria depositado nas mãos dos chefes locais "bons de urna", com o Chagas Freitas e Laudo Natel, que se agrupariam na gaveta do populismo em estado puro, contentando-se com a distribuição de pequenos favores pela máquina administrativa dos dois grandes Estados - que coincidentemente estaria sob controle desses mesmos senhores depois de março de 1979.

O aparecimento do trabalhismo nesse mapa decorre da própria movimentação política que sucedeu as eleições de novembro de 1974. Em ordem de importância, contam-se os seguintes motivos: a força e a velocidade inesperadas, para o Planalto, com que o sindicalismo retornou às atividades políticas; a consolidação de algumas lideranças proletárias tidas no governo como bastante representativas para que possam se aproximar do esboçado curral de centro-esquerda; onde ganhariam ascendência capaz de prejudicar o pacto majoritário depois de alguns anos; a dificuldade para se organizar o "ademarismo" nos demais Estados "importantes", onde o populismo urbano de direita não chegou a se fixar em sua versão original; e, afinal, o estágio relativamente avançado da organização sindical oficiosa.



O governo conhece detalhadamente os movimentos da antiga "ala esquerda do PTB", de "Baby" Bocayuva Cunha e Leonel Brizola, para reatar o trabalhismo com base na carta-testamento de Getúlio Vargas. Mas, Brasília considera-se dona da iniciativa nesse terreno, graças à tenacidade do atual secretário do Trabalho paulista, Jorge Maluly Neto, que durante a segunda quinzena de janeiro circulou apressadamente nos corredores do Planalto com extensas relações de sindicatos e até cooperativas de trabalhadores rurais hipoteticamente embarcadas em sua própria versão do trabalhismo.

Um modesto deputado de origem rural, Maluly tornou-se conhecido na Assembleia Legislativa de São Paulo, para onde se elegeu pela primeira vez em 1966, como o "Gatão" - porque chora até na hora do prazer. Dizendo-se sempre vítima de injustiças e traições, articulou-se em postos tão variados que chegou a secretário de Estado em 1975, encarregado das ligações entre o governo paulista e os sindicatos regionais. No entanto, sua estrela começou a brilhar quando entrevistou com surpreendente agilidade na crise que se esboçou em princípio de 1976, entre os fazendeiros de cana e cereais e os "boias-frias" - trabalhadores rurais empurrados para a cidade, ou para uma condição nômade, que alugam sua força de trabalho em base diária.

Paulo Freire, Karl Marx, Antônio Callado, Moniz Bandeira, Augusto Boal e Yohn Reed estão na livraria ZAPATA. Venha folheá-los. Rua Dr. Cesário Mota Jr., 285 tel. 222-2861 - São Paulo.

# Diálogo sem trabalhadores, reformas sem povo.

Dom Angélico Sândalo Bernardino, Bispo da Zona Leste 2, de São Paulo, enquanto homem de igreja, um "pastor de Deus". Como cidadão, um homem que fala de política, desde que lhe seja dada oportunidade, nunca em defesa dos poderosos.

Não foi e nem será ouvido pela missão Portella, pois "a fala dos oprimidos faz doer os ouvidos dos opressores".

**Em Tempo: O que é ser oposição para a Igreja?**

D. Angélico - Eu falo em nome pessoal. Sou homem de igreja, mas eu não represento a Igreja. Em segundo lugar, eu gostaria de dizer que a Igreja não é de oposição, mas, cada vez mais, ela estará tomando posição em favor do povo. E se há pessoas, inclusive no Governo, que não estão a favor do povo, eles é que estão em oposição ao povo: a Igreja deve estar solidária e comprometida com o povo.

**Em Tempo - Como o senhor vê a proposta de rearticulação partidária?**

D. Angélico - Nós estamos num tempo em que a palavra tem um valor muito relativo, e digo isto com muito pesar, sobretudo quando alguém que detém um poder, faz uso da palavra para iludir o povo. Isto para dizer que eu não acredito muito naquilo que o Governo fala no aspecto de redemocratização e de abertura partidária. Agora, se realmente esta for a intenção, eu acho muito benéfica, pois o que temos hoje não são partidos. São uma coisa que, para mim, reflete indefinição no aspecto político: soluções criadas na cabeça de poucos, e simplesmente impostas à consciência cívica e política do nosso povo.

**Em Tempo - Que fatos servem de base para estas teses?**

D. Angélico - Eu acho que vivemos numa sociedade que se diz pluralista, mas não o é; ela se simplifica cada vez mais na complexidade que possui. Vai se distinguindo cada vez mais entre oprimidos e opressores. Em consequência, seu maior mal é a divisão entre ricos e pobres. Além disso, nessa sociedade existem muitas tendências, e elas deveriam agrupar-se em torno de projetos políticos, que precisam ser expostos ao povo. No Brasil, eu vejo: uma força trabalhista; tendências de inspiração conservadora (de ultradireita ou de direita); e tam-

bém pessoas de esquerda, até de ultra-esquerda. Todas devem ter o direito de organizarem o seu partido. Por que só os socialistas não poderiam criar seus partidos? Eu sempre digo que seria muito bom se nós tivéssemos aqui no Brasil um partido que amalgamasse as inspirações trabalhista, cristã e socialista. Como misturar isso tudo é um desafio, mas eu gostaria de ver aparecer.

**Em Tempo - Se surgissem os partidos anunciados que orientação a Igreja deveria imprimir em seus trabalhos de base?**

D. Angélico - A Igreja desenvolve aquilo que nós chamamos de Pastoral Operária, que aglutina trabalhadores e trabalhadoras, para que estes busquem as soluções cristãs para as situações de opressão que a classe trabalhadora vive. Na Pastoral, temos a visão de que a sociedade em que vivemos é podre porque se baseia na injustiça: poucos têm muito e a imensa maioria vive marginalizada. A Igreja trabalha na Pastoral Operária consciente de que quem realmente vai fazer a transformação social, não é a pastoral, mas o próprio movimento operário. Esse movimento não tem cor. Nele estão os direitistas, os pelegos, os cristãos, os marxistas, os homens...enfim todos os "istas". A orientação do movimento operário será de cunho marxista se os marxistas atuarem melhor; ou terá inspiração cristã, se os cristãos tiverem as melhores opções, se estiverem melhor organizados. A Igreja - a hierarquia, os bispos - diz aos cristãos que precisamos, enquanto cidadãos do mundo, ter engajamentos concretos e comprometidos. O resto é opção de cada um.

**Em Tempo - Como o senhor vê a questão da sucessão presidencial?**

D. Angélico - Como brasileiro, e com muito laconismo, eu vejo um empobrecimento da alma nacional. Eu quase preferiria que tivéssemos

um regime monárquico, quem sabe até o do tempo de D. Pedro. Não porque eu defendo a monarquia, mas porque acho que a nossa segurança seria maior se aquele que fosse governar a Nação, estivesse preparado. No Brasil não acontece nem isso. Não tenho nada contra o João Batista de Figueiredo, a quem não conheço pessoalmente, nem às suas idéias. Mas, como cidadão euteno e direito de exigir um conhecimento prévio e vasto de quem se propõe governar esse país. Também não vejo com esperança qualquer dos candidatos que se apontam por aí. Na verdade, a estrutura, o sistema político-partidário é que está errado. Nós não podemos mais suportar que os governantes sejam feitos marginalizando o povo. Por pior que seja a escolha que um povo faça do seu governante, eu ainda confio muito mais na escolha do povo, do que na vontade do presidente da República.

**Em Tempo - Como o senhor interpreta o fato de a missão Portella ter "esquecido" os setores mais representativos da Igreja?**

D. Angélico - Eu acho que a Igreja é povo de Deus. Por isso, o diálogo com qualquer emissário do governo deve ser feito não com alguns homens, por mais respeitáveis que sejam, mas diretamente com o povo. A missão Portella não tem essa característica, e portanto, da minha parte, não merece nenhum respeito. Os trabalhadores, exceto suas "representações" espúrias, não foram ouvidos. Então como é que a gente pode falar em diálogo nacional? Eu poderia citar uma pessoa da Igreja, pela qual eu tenho imensa consideração e admiração por sua tarefa apostólica, que é o Cardeal de São Paulo. Quer estabelecer um diálogo em profundidade, omitindo o pastor da principal cidade do país, é um fato que faz com que desconfiemos dos próprios motivos da tal missão.



## Estudantes: nada temos a ver com este peixe.

**EM TEMPO entrevistou os representantes dos DCEs das Universidades de São Paulo, Federal de Minas Gerais e do Diretório Acadêmico da Faculdade de Economia da UFMG a respeito das reformas anunciadas pelo regime e sobre a articulação de novos partidos. Abaixo, trechos de seus depoimentos.**

"O estudante tem contradições, hoje, com o regime - e por isso é oposição -, na medida em que este regime tem reprimido a participação estudantil devido ao seu posicionamento político. As palavras de ordem assumidas pelo movimento estudantil são um marco que nos diferenciam da oposição liberal: anistia ampla e irrestrita, libertação dos presos políticos, liberdade de organização e expressão, liberdade sindical, liberdade partidária, fim das torturas e prisões políticas, mais verbas para educação, ensino público e gratuito para todos, melhores condições de ensino. Lutamos por uma verdadeira democracia onde exista de fato liberdade sindical, liberdade de qualquer partido se organizar. O DCE assume a luta por uma sociedade mais justa, pelo fim da exploração. Mas a consciência desta luta só será assumida, realmente, pelo ME como um todo na hora em que o movimento operário e popular estiver se colocando como uma alternativa. A única forma de conquistar as "reformas" que queremos é a organização livre do movimento popular - e isto, já foi dito, não se ganha, mas se conquista. A crise do regime está colocada.

Só que hoje eles dividem a oposição que precisaria estar unida contra o governo. Estão todos acreditando que as reformas, a liberdade, vão cair de cima. E se dividem para ver quem fica com mais coisas depois. Isso é até oportunismo. Esses PSs são socialistas só de nome. Quando ainda precisam cair os atos de exceção, eles já contam que cairam. Mas, até agora não houve nada de abertura. Não tem havido liberdade nem para os governistas. Não foi o próprio presidente que nomeou seu sucessor? A oposição sindical contribuirá para que as coisas mudem se ajudar os trabalhadores a se organizarem em comissões, grupos de fábrica. Hoje o aspecto principal da luta é a defesa econômica: a luta contra o arrocho. Através dela se pode ajudar a educar, a desinibir o operário. Mas a defesa econômica encontra grandes barreiras, como a falta de liberdade sindical e a política salarial do governo. Por isso é importante, fundamental, a quebra da estrutura sindical. Oposição que não pretende desatrelar os sindicatos do Ministério do Trabalho, que não luta por liberdade sindical, não é coerente com a luta da classe operária. Os operários precisam discutir, decidir como se organizarão se conquistarem o desatrelamento do Ministério do Trabalho. De uma coisa, eutenho certeza, é preciso desatrelar os sindicatos, é necessária a liberdade sindical. (Metalúrgico, membro da oposição sindical de Osasco)

Cabe ao movimento popular aprofundar essa crise e aproveitar as brechas. Obviamente, os estudantes não podem conseguir isso sozinhos. Somente o movimento operário-popular, a classe operária principalmente, vai consegui-lo. Por enquanto, lutamos por liberdade partidária, mas não estamos comprometidos com articulações de PS, PTB, etc. Nossa luta é para que qualquer partido possa se organizar. Agora, estes partidos de trabalhadores que estão se articulando não têm nada a ver com os trabalhadores. Os trabalhadores é que têm de construir o seu partido. Assim como nós, estudantes, construímos nossas entidades independentes."

**(DCE - Livre da Universidade de São Paulo)**

"Não devemos nos iludir com quaisquer reformas que surjam dentro dos marcos autoritários. Os estudantes brasileiros devem tomar consciência de que as reformas vêm no sentido de polarizar os liberais, hoje no centro da oposição ao regime, e isolar os setores de oposição mais consequentes, continuando a política de afastar da cena política o movimento operário e popular. Estamos convictos de que os estudantes devem assumir hoje, mais do que nunca, a bandeira da livre construção partidária e eleições livres e diretas para todos os cargos de representação popular, utilizando a brecha dada pela polêmica Magalhães x Geisel. Magalhães Pinto possui como base de apoio desde Severo Gomes e adjacências até setores de oposição que se dizem con-

sequentes. Convenhamos, é uma frente ampla demais para o nosso gosto e que não demarca em nada a luta que assumimos hoje ao lado do movimento operário e popular."

**(DCE da Universidade Federal de Minas Gerais).**

"O movimento estudantil, como os outros setores de oposição ao regime, para ser consequente, deve empunhar a luta por uma Assembléia Constituinte Livre, Soberana e Democrática. Esta precisa colocar para os setores democráticos sua aliança com os trabalhadores do campo e da cidade como alternativa concreta à ditadura militar, na perspectiva de uma transformação radical da sociedade brasileira. Uma Assembléia Constituinte que, diferentemente da que o MDB propõe, pressuponha o fim da ditadura militar, anistia ampla e irrestrita a todos os presos, exilados, banidos e cassados políticos, o fim da censura, a liberdade de organização e manifestação sindical e partidária, e que tenha um programa capaz de resolver, na perspectiva das classes trabalhadoras, problemas tais como a superexploração do trabalho que pode se resumir nas péssimas condições de saúde, habitação, transporte; trabalho; capaz de resolver definitivamente a questão do imperialismo e a questão da terra. Naturalmente, a convocação desta Assembléia Constituinte só pode ser fruto de conquistas das classes trabalhadoras."

**(DA Economia da Universidade Federal de Minas).**

## Trabalhadores: que vantagem Maria leva?

**Os principais marginalizados pelos debates políticos que vêm sendo travados no país têm sido os trabalhadores. Seguem-se trechos das entrevistas concedidas a Em Tempo por membros das oposições sindicais de Contagem, Osasco e por um integrante da coordenação do Movimento do Custo de Vida, de São Paulo.**

A substituição do AI-5 por salvaguardas constitucionais, um dos pontos das reformas políticas pregadas por Geisel, não tem nenhuma importância para a classe operária. O AI-5 impede a participação política dos operários. Mas a lei do arrocho salarial, o FGTS, o sindicato atrelado ao Estado e a lei anti-greve oprimem muito mais e são o AI-5 da classe. O que caracteriza esse regime não é apenas o AI-5, é o conjunto da política e das leis de exceção impostas desde 1964.

Para os operários, as liberdades democráticas são os sindicatos abertos, com democracia e sem peleguismo; o fim do arrocho; o fim da lei anti-greve e fim do FGTS; partido político dos trabalhadores para que o operário se imponha política-

mente por sua conta.

Nessa situação em que a classe operária vive, de desorganização, de desmobilização e de terror mesmo, devido ao FGTS, etc, como é que o operário vai participar de um partido político? Esse partido socialista, por exemplo, se surgir virá de lá para cá e não de cá para lá. Virá da intelectualidade. Como poderá ser um partido que possa falar em nome do operário sem o operário participar dele?

A candidatura Magalhães, assunto de todos os dias nos jornais, nunca significou nada para os trabalhadores. Ele fala em eleição direta; se houver eleições diretas em todos os níveis e com plena liberdade de organização política dos trabalhadores, é claro que interessa à classe, porque dessa forma poderemos participar através de partido político próprio. Mas o Magalhães defende isso? Claro que não. Isso só virá como uma conquista das forças populares. Se não houvesse movimentos oposicionistas fortes nem um desgaste político tão grande do regime é claro que sequer estaria ocorrendo essa briga lá entre eles.

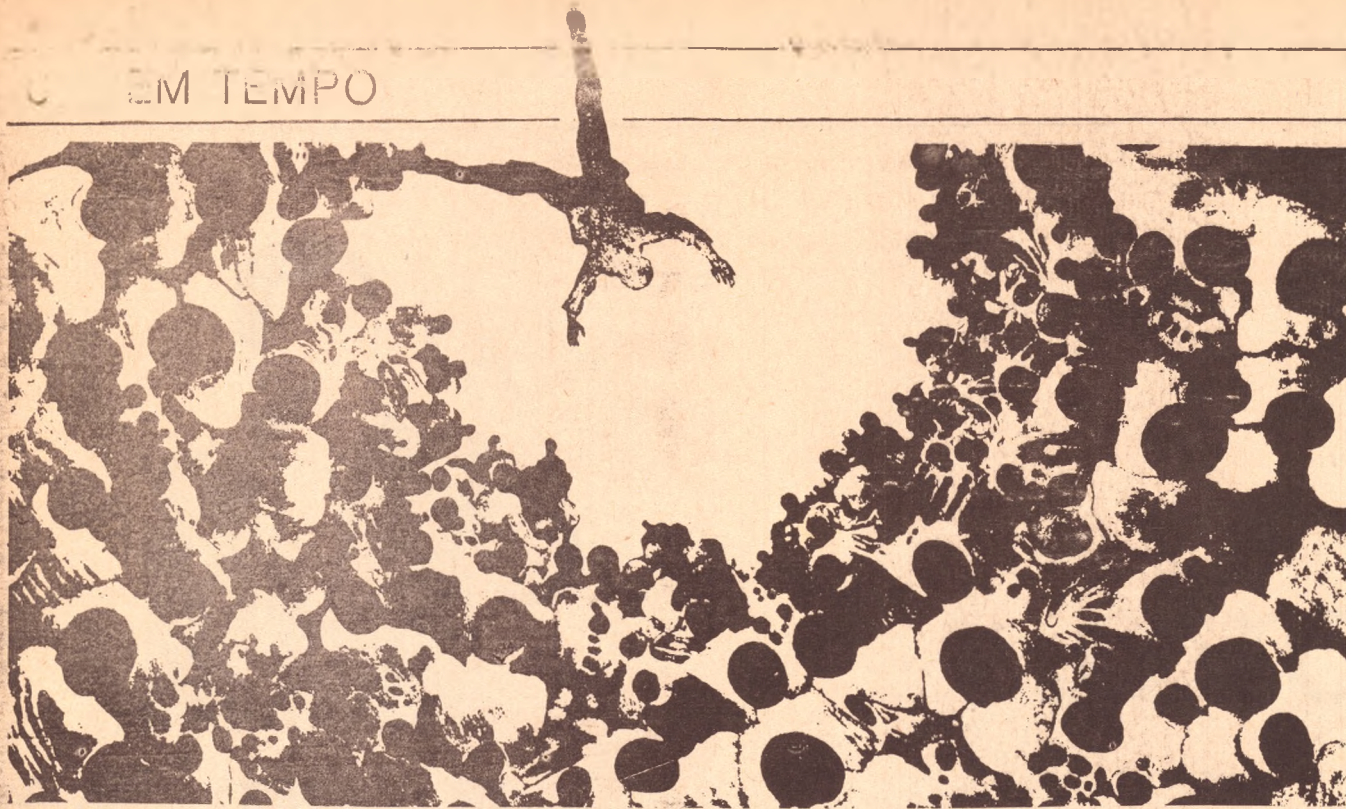
Se o regime fizer concessões, essas concessões terão outro nome: serão conquistas políticas dos setores sociais insatisfeitos.

O trabalhador, hoje, não tem partido político, não tem nada. O sindicato, que é da classe, aqui em Contagem é propriedade privada do pelego João Silveira. Apesar disso, ainda assim os operários têm pressionado, forçando as brechas e terminam conquistando alguma participação. Mas no geral, as lutas operárias ainda são muito localizadas, como mostra o exemplo da reposição (Metalúrgico de Belo Horizonte - Contagem, MG)

Partido de trabalhadores tem que ter trabalhadores. O que se vê é que quem está formando esses partidos são pessoas de nome, capitalistas mesmo. Quem está formando esses partidos são eles. Sem operários, esses partidos não vão trazer benefícios para a classe. Só serão outras formas de enganar os trabalhadores, que já foram tão usados no passado.

O maior apoio que esses partidos poderiam dar: lutar contra o arro-

É preciso ver com cuidado as propostas de novos partidos. A gente não tem nenhuma ilusão de que surgirá um partido realmente da classe operária legalizado. O que vai acontecer é o aparecimento de partidos criados dentro da lei burguesa. Quanto ao partido socialista, isso é coisa da alta cúpula, que nem a população está sabendo. Não se está dando liberdade para as bases organizarem seus partidos. Quanto ao "partido de trabalhadores" do Maluli Neto, ele pode ter um apoio dos pelegos dos sindicatos. Da classe, ele pode conseguir alguma coisa, mas não vai conseguir de maneira nenhuma ganhar as lideranças trabalhadoras. (Membro da Coordenação do Movimento do Custo de Vida)



# LOUCURA

“Cada um de nós tem uma certa probabilidade (crescente) de ser julgado doente mental e, talvez, ser internado numa Casa de Saúde”. (Giovanni Berlinguer)

“No Brasil, cerca de 10% da população sofre de algum tipo de distúrbio ou doença mental, taxa que - numa cidade como São Paulo - atinge índices de 15 a 18%. Em média, o aumento anual de casos de doenças no país, é de cerca de 200 mil.” (1) Com esses dados (assustadores?) queremos chamar atenção para um fenômeno político (político, pois não?) do nosso país, em relação ao qual o movimento dos trabalhadores não possui praticamente nenhuma tradição de luta. É uma grande lacuna que existe no seio das lutas de classes em nosso país. Lutar contra uma forma de repressão tão violenta que não existe outra igual em nenhuma outra instituição da sociedade capitalista.

Com efeito, em relação ao doente mental, a violência se situa em todos os níveis da vida do indivíduo; **Jurídico** (irresponsabilidade forçada), **econômico** (dificuldades enfrentadas para conseguir novos empregos), **político** (proibição do direito de reunião, de constituição de associações etc.), **Psicológico e psíquico** (roupas padronizadas, cabeças raspadas, regulamentações de horários rígidos, eletrochoques, doses maciças de medicamentos, receitas condicionadas, repressão à sexualidade, entre outras.)

## Motivo de riso. Por que?

Tudo isso faz parte de uma realidade que, em geral, vem sendo aceita como um “mal necessário”. Há uma espécie de conspiração do silêncio em relação à loucura, com a qual nós todos compactuamos na prática.

É impressionante como a ideologia psiquiátrica conseguiu criar estereótipos (clichês) que são reproduzidos pelas grande maioria da sociedade. De um modo geral, como já dissemos, essa prática eivada de violência é aceita como “normal” por membros de todas as classes, até mesmo por alguns cérebros

intelectualizados... O problema da loucura quase sempre é encarada com superficialidade, quando não em forma jacosa, de gozação.

Essa superficialidade, essa maneira “despreocupada” de encarar o problema de loucura, demonstra a eficácia hegemônica da ideologia dominante sobre o comportamento de todos nós. O riso, a comicidade que, em geral, encontramos frente ao doente mental, é uma espécie de fuga do verdadeiro enfrentamento, o que exigiria muito estudo, dedicação e sobretudo compromisso político com um problema que é extremamente complexo e “perigoso”. Esta fuga não é necessariamente consciente. Ao contrário, somos levados a ela, em geral, pelo condicionamento ideológico e pelo desconhecimento relativo da realidade existente em torno da doença mental (melhor, da doença mental dos proletários). Realidade essa que, acrescente-se, é cuidadosamente mantida fora das vistas da parte da sociedade dita “normal”.

## “Manifesto da revolta”

Na verdade, a loucura nada mais é do que uma das mais desumanas formas de manifestação da violência e alienação da sociedade de classes, materializada na lesão do sistema nervoso ou do desequilíbrio do psiquismo, com efeito do condicionamento, da seleção, da discriminação, da exploração mais primitiva ou mais “aperfeiçoada”, conforme as relações vividas pela experiência de cada uma nas relações de trabalho e na vida cotidiana. (2)

Como podemos ver, o doente mental é o objeto que concentra maior carga da violência das relações de produção (e suas reproduções ao nível do cotidiano) de uma sociedade que, não podendo e não sabendo resolver o problema de forma científica, se limita a negá-lo no in-

terior dos manicômios. Sabe-se que o internamento, na maioria dos casos, representa apenas a impotência do médico diante de problemas sobre os quais ele não tem controle. Não pode ter controle, pois os distúrbios mentais têm causas múltiplas, que podem variar desde relações deterioradas na família, passando pelo desgaste físico e mental ocorrido cotidianamente, até infecções crônicas, subnutrição e avitaminoses acentuadas. Ressalte-se, entretanto, que é principalmente a massa trabalhadora que é atingida por esta forma de violência.

Para os capitalistas e suas famílias, existem os analistas (a 1.500 cruzeiros por hora de consulta), as estações de repouso, as férias na Europa. Por sua vez, os traumas ou síndromes são de outra origem - em vez da exploração - o ócio, o vício social, o vício e a perversão são, em geral, os grandes responsáveis pelos desequilíbrios na classe dominante.

Quer dizer, seja nas causas, seja nas técnicas terapêuticas, o caráter de classe da doença mental se revela e exige que a contradição se resolva através da luta. Essa luta já está se esboçando em alguns países da Europa, nos EUA e na própria América Latina. (3)

Em 1976, entidades europeias de defesa dos direitos do doente mental lançaram um documento chamado “Manifesto de Revolta”, onde fizeram exigências fundamentais para a modificação das condições vividas pelos doentes mentais. Essas exigências iam desde a abolição de determinadas leis repressivas até o livre acesso à sexualidade, à concepção, ao aborto, à gravidez e a todas as informações que lhe eram vedadas.

Enquanto isso, no Brasil, agora algumas matérias publicadas esparsamente pela imprensa, não temos conhecimento de nenhuma experiência ou discussão orgânica acerca desses problemas.

Enquanto isso, no Brasil, agora algumas matérias publicadas esparsamente pela imprensa, não temos conhecimento de nenhuma experiência ou discussão orgânica acerca desses problemas.

## Loucura não é caso pessoal

O próprio conceito de loucura é ainda, de um modo geral, aceito pacificamente da mesma forma como foi divulgado, reproduzido, pela Liga Brasileira de Higiene Mental, em 1923. (4)

Como se sabe, classicamente, a loucura é pensada como a inclusão de “algo estranho” dentro da cabeça da pessoa doente (o que a torna perigosa e motiva as medidas de proteção contra tal perigo).

No entanto, hoje já se discute novos conceitos acerca da loucura.

O professor Luiz Meyer escreve (5): “uma visão dialética do campo onde circula e se atualiza a intersubjetividade deve discernir que a loucura está contida como emergente virtual na organização do ser psíquico e que ela implica o problema da liberdade, não em suas consequências, mas na sua própria estrutura. A loucura não é somente doença da razão; ela é seu complemento necessário. Ela não é o negativo da razão que constituiria e fornecerá uma referência positiva. Loucura e razão funcionam como par cambiante cujas diferenciações se ligam à época, à civilização, ao modo de produção etc. A razão de que falamos nada tem a ver com a lógica comum, mas sim com a do inconsciente que a um só tempo produz razão e loucura, isto é, me coloca em disponibilidade face a.”

Discussões ou experiências que levem em conta esta nova conceituação da,

problemática ainda não são visíveis nacionalmente. No Brasil, a psiquiatria, regra geral, vive ainda no século passado e, na maioria dos hospitais, não existe sequer a psicodinâmica do envolvimento médico-paciente. Os internos são simplesmente vigiados intramuros, administrativamente retirados do contato com a família e com a sociedade.

## Corações e mentes

A partir do que foi visto até aqui, parece-nos claro que este é problema político (saúde das classes populares) e deve ser enfrentado politicamente.

É preciso tomar a iniciativa de enfrentar o obscurantismo intelectual que vive atualmente a nossa superestrutura (leia-se “inteligentia nativa”), bem como, é preciso romper com as visões globalistas que reduzem todos os problemas a uma única contradição - capital x trabalho -; sem atentar para a complexidade das contradições vividas por setores específicos da sociedade.

Por sua vez, a análise de nossa realidade conjuntural revela que as classes dominantes não têm interesse em dar prioridade no encaminhamento de soluções para os problemas dos trabalhadores - estão aí para quem quiser ver: educação, transportes, habitação, saneamento, saúde física e mental, entre muitos outros.

É óbvio que esses problemas não existem isolados, nem são obra do acaso. Ao contrário, são resultados de uma política, de uma estratégia do capitalismo em nosso país, a qual está se realizando ainda sem encontrar a devida resistência de uma política consequente da parte dos trabalhadores.

Estas evidências e contradições existem concretamente e é urgente a necessidade de se tomar consciência política delas e de se atuar também concretamente em defesa dessa fração de trabalhadores (doentes), mas - como tantas outras - das condições desumanas da vida impostas pela organização capitalista da sociedade.

Finalmente, aproximadamente 10 milhões de seres humanos, apenas no Brasil, estão mais ou menos envolvidos por problemas psiquiátricos. São 10 milhões de braços, 10 milhões de corações e mentes que estão no caminho da degenerescência e da morte. Não temos dúvida nenhuma de que esta é uma nova frente de luta. Assim como o são também a luta pelos direitos das mulheres, dos negros, dos velhos, dos menores, dos homossexuais e de todos quantos são alvo da opressão, da discriminação e da exploração. O que falta é sermos suficientemente “loucos” para assumi-la. (Rinaldo Barros)

### NOTAS

- 1) Dados da associação brasileira de Psiquiatria, em Movimento - 30.05.76.
- 2) Para os mais céticos, que ainda estão rindo do tema deste artigo, adiantamos que os psiquiatras já estão sendo usados pelas empresas capitalistas para conseguirem o aumento da produtividade, agindo junto aos operários com o propósito de convencê-los a cumprir os ritmos Taylorianos dos processos de trabalho, assim como, estão sendo usados pelos serviços de informação para controle de determinadas personalidades ou ainda como coadjuvantes na promoção/cooptação de intelectuais para instituições públicas e privadas. (Ver os artigos “O Psiquiatra como Agente Duplo” e “Os Donos da Saúde vendem seus segredos” em Revista Domingo - Jornal do Brasil 17.07.77.)
- 3) Na França, por exemplo, existem algumas entidades dedicadas a lutar pelos direitos dos doentes mentais (Grupo de Informação de Assilos, Comitê de Luta dos Deficientes, Movimento de Trabalhadores da Saúde Mental) reunindo internados e ex-internados em estabelecimentos psiquiátricos. Na Inglaterra, existe a União dos Doentes Mentais; na Alemanha, o Coletivo Socialista de Pacientes e nos EUA existe a Rede Contra o Ataque Psiquiátrico. Mesmo aqui pertinho de nós, na Argentina, desde 1971 esta tomando vulto a organização das Comunidades Populares (Ver Alfredo Moffatt “Psicoterapia del Oprimido” Ed. ECHR, Buenos Aires, 1975) e muito vizinho nosso, no Uruguai, já se tem notícia de discussões sobre “os efeitos da ditadura sobre o mundo interior dos indivíduos”. (Ver Horatio Amigorena e Marcel Vignar “A Instância Tirânica” em Versus de dezembro/janeiro 1977/78.)
- 4) A L.B.H.M. foi a primeira instituição criada para coordenar a assistência aos doentes mentais no Brasil. Defendia a Eugenia em seus programas, ou seja, o controle draconiano das “pessoas de cor”.
- 5) Ver Luiz Meyer “Violência e Complicância em torno da Antipsiquiatria” in Debate & Crítica n.º 6 julho/75.

# O QUE VE SIMONE DE BEAUVOIR

Quase 30 anos após a publicação de **O 2º Sexo**, sua autora, Simone de Beauvoir, se autocritica. As teses centrais de sua obra - não se nasce mulher, torna-se mulher e a emancipação da mulher se dá ao nível do trabalho - permanecem. Sua autocritica se situa no que ela define como “otimismo” - a vitória das mulheres de penderia do êxito da construção do socialismo.

“... eu simplesmente não acredito mais que a vitória das mulheres esteja ligada ao advento do socialismo... Certamente, a mulher tem mais independência econômica na URSS. Só que isso não a impede ainda de ter de conciliar sempre a liberdade econômica com o trabalho doméstico”.

Fica claro que seu alvo é a URSS, aliás prato favorito das chamadas feministas radicais. Trata-se a União Soviética como “modelo” de sociedade em que se aboliu a propriedade privada dos meios de produção e também como uma sociedade que se construiu sem contradições, sem luta. Hoje, quando algumas correntes teóricas situam a URSS como uma sociedade capitalista, mostrando que as lutas de classes lá desenvolvidas a partir de 1917 acabaram por recolocar nas mãos da burguesia os meios de produção; quando outras correntes apontam, no mínimo, para o controle da sociedade soviética por uma casta burocrática e nacionalista, faz-se necessário para as feministas olhar com mais cuidado para o processo que se desenvolveu na União Soviética e o papel específico das mulheres neste processo.

A condição da mulher, definida a partir da estrutura familiar, é uma das colunas da velha ordem que é preciso abolir. Esta formulação é clássica no pensamento científico que pensa a sociedade organizada sem classes sociais. Mas nem por isso havia unanimidade no partido bolchevique em relação à questão da família. As posições dentro do partido não eram marcadas por singelas diferenças, mas traduziam divergências profundas que diziam respeito à estratégia política global para a edificação da nova sociedade.

## Um passo à frente e dois atrás

Assim, quando a facção leninista prega a organização das mulheres trabalhadoras como único meio efetivo de levar adiante as lutas que comprometeriam a instituição familiar, outras facções - não hegemônicas então no partido - temem que a permissão do aborto e a livre sexualidade engendrem, entre outras coisas, uma diminuição da natalidade o que, consideravam, seria altamente prejudicial naquele momento histórico.

A legislação soviética dá uma mostra dos reflexos da luta entre estas concepções. Datam de dezembro de 1917 (dois meses apenas após a insurreição) os primeiros decretos visando a dissolução do casamento e promovendo a autodeterminação da mulher. O conjunto desses decretos visava apoiar juridicamente as transformações ainda embrionárias e que ocorriam impulsivamente pelas vanguardas. A partir de 1919 deu-se início a um programa de construção de restaurantes e creches objetivando a coletivização das tarefas domésticas e a total supressão dos “papéis femininos” (mãe, dona de casa, esposa). A maternidade, conforme as teses dos quatro primeiros Congressos da III Internacional, é considerada uma função social. A igualdade salarial entre homens e mulheres é garantida pela constituição e medidas são tomadas no sentido de respaldar a mulher no período de gravidez.

De 1933 em diante a legislação vai refletir a nova política levada a cabo pelo partido - em 1935 os pais tornam a ser os responsáveis pela conduta e educação dos filhos; o aborto é paulatinamente proibido, chegando a ser, reprimido com prisão; o divórcio sem motivos fica sujeito a multa; prêmio são distribuídos às mães de família numerosas; institui-se um novo cerimonial para o casamento, e discriminam-se os filhos “illegítimos”. O 20º Congresso e sua condenação formal do stalinismo acaba apenas com as leis contra o divórcio, aborto e filhos “illegítimos”, mantendo, no entanto, o essencial: o casamento legal e os direitos / deveres da paternidade / maternidade.

Sabe-se que hoje grande percentagem de mulheres soviéticas não trabalha, que as creches são em número mínimo em relação às necessidades, que a dupla jornada (trabalho profissional e doméstico) e comum. Se fica difícil empiricamente constatar as barreiras de classe, na URSS, a questão da mulher (entendida ao nível das desigualdades sociais específicas no seio das classes sociais, como produto da divisão social do trabalho) e índice de que o socialismo por lá está longe de ser atingido.

## Na encruzilhada dos passos

É isso nos remete a dicotomia básica dos movimentos feministas. Por um lado, aqueles que tratam de garantir à mulher que o capitalismo deve ser combatido através de uma união que não comporta especificidades. Esta linha estratégica tem sido incapaz de dar respostas concretas para a questão da mulher, utilizando uma campanha pseudo-feminista com eficientes propósitos eleitorais. Opondo-se a esta corrente, o chamado feminismo radical - em todas as suas nuances e a qual se filia Simone de Beauvoir - pensa que a contradição fundamental e a falocracia, como se a relação homem/mulher / dominador/ submissa não fosse uma forma de opressão intimamente comprometida com o sistema baseado na exploração.



Faz-se necessário para as feministas olhar com mais cuidado para o processo que se desenvolveu na União Soviética e o papel específico das mulheres neste processo.

Simone de Beauvoir lançou **O 2º Sexo** em 1949, sem respaldo de nenhum movimento de mulheres, fazendo uma tentativa, talvez inconsciente, de responder ao que acontecera à mulher na II Guerra - a “volta ao lar”, encorajada nas sociedades fascistas e a premência para que a mulher assumisse as ditas tarefas masculinas nos chamados países democráticos. Embora limitado ao nível da perspectiva teórica e também pelo momento histórico, **O 2º Sexo** retomou a reflexão sobre a mulher em nossa sociedade. Mas hoje a compreensão da questão da mulher que identifica no “poder masculino” um aliado do poder burguês, coloca Simone de Beauvoir na pré-história das lutas pela emancipação da mulher. A melhor resposta às posições por ela endossadas foram dadas palavras de ordem escritas nos muros de Londres no início da década de 70: “Não há libertação da mulher sem revolução socialista, não há revolução socialista sem libertação da mulher”. (Ethel Leon)

## curto circuito

Do livro **Os Drogados Não São Felizes**, Editora Nova Fronteira, página 136. O autor, psiquiatra - ou anti-psiquiatra - Claude Olivenstein lembra os tempos de maio de 68 em Paris:

“Felizmente o que acontecia, nesse momento, na Sorbonne, me animava. A velha casa caíra nas mãos dos estudantes, e tinha-se um pouco a impressão de que as relações humanas estavam sendo reinventadas. (...)

“Euforia, todos falavam com todos, até os que ainda na véspera se ignoravam, e cada qual, diante do outro, parecia querer chegar até o mais profundo de si mesmo. (...)

“Alguns apertes me comoviam particularmente pelo seu tom direto, e principalmente pela sua qualidade de sinceridade. Entre outras, lembro-me de um rapaz que se levantou, dizendo esta frase maravilhosa:

- Eu, que sou revolucionário há 48 horas, só lhes peço uma coisa: escutem, respondam, escutem, respondam. Não façam discurso!”

ajude o autor nacional a sair da casca

fique sócio do clube do livro vanguarda e receba em sua casa os livros que o brasil inteiro vai ler

editora vanguarda Ltda.

rua teixeira e souza, 200 fone 65-6835 sp

leia  
**O beijo**  
editora boca Ltda.

uma revelação que o livro do Professor Tomazini faz da existência de 28 espécies de animais até hoje desconhecidas nos continentes, constitui um estudo científico comparável ao da Origem das Espécies, de Darwin.

Angelo Machado



Os sócios do Clube do Livro Vanguarda já receberam o primeiro livro. Em fevereiro sai **“A Voragem dos Moribundos”** de Jesse Navarro Jr.

**A CRIAÇÃO DAS CRIATURAS**  
tacus



"Um Congresso, onde armadas de coragem viemos lutar pelos nossos direitos de trabalho... Nós metalúrgicas, não nos conformamos com os inúmeros erros que existem dentro das fábricas que trabalhamos. De sermos inferiorizadas nos salários quando produzimos muitas vezes bem mais que muitos homens. De não termos creches para nossos filhos. De sermos exploradas nas produções que devemos dar... querem nos impor uma lei para trabalharmos durante a noite (e chamam isto de igualdade) mas até agora ninguém falou de igualdade de ganharmos igual aos homens..." (Trechos da carta de uma metalúrgica dirigida à diretoria do sindicato).

# Mulheres e Metalúrgicas

Em sua visão mística do processo de transformação social, as vanguardas populistas reproduziram na arte a visão do papel de "redentoras" que tinham de si próprias. E como assim se enxergavam, apareciam, ingenuamente disfarçadas em trabalhadores musculosos a quebrar correntes com os braços estendidos para o alto, emergindo de poeiras em meio a raios fumegantes que como nas estampas, contornam os apóstolos bíblicos. Inventou e pintou nos cartazes, operários tristes, rasgados, sujos. Enfim, estropiados coitados a serem redimidos. Sumidos na rudez dos traços os próprios desenhos mostravam rugas, cansaço, dor. Muita dor. Os operários neles ganham de imediato solidariedade. Afinal quem consegue se negar? Apresentados ao público nesses traços, desse jeito (... ninguém tem aí por acaso, um pedaço de pão, um resto qualquer de qualquer coisa?).

Esse método "ideal" e paternalista de enfocar a realidade fez com que essa nunca fosse captada. Vale aqui o exemplo: as operárias do I Congresso da Mulher Metalúrgica de S. Bernardo e Diadema nunca estiveram nesses cartazes. A prova? Havia vitalidade e cor — nos penteados, nas faces, nas unhas, nas roupas. Descontraídas e dispostas e em vários momentos recuperando no humor, na piada solta, incríveis descrições de suas péssimas condições de vida.

Olhos atentos nos cartazes. Não é só a propaganda de rua que aliens. (Ethel Leon e Duilio Zoppi)

Foi no embalo das mobilizações pela reposição salarial ocorridas no último semestre de 77 que surgiu a possibilidade, hoje, de realização do I Congresso da Mulher Metalúrgica de São Bernardo do Campo e Diadema. Constatada a defasagem entre a participação masculina e feminina nas lutas ora travadas, a diretoria do sindicato vê a possibilidade de ampliação de sua base social de apoio. Nas assembleias da categoria, enquanto dos cem mil metalúrgicos, cinco mil se faziam presentes, dentre as dez mil mulheres apenas cinco compareciam.

Essa desmobilização levou a diretoria do sindicato a programar todas as atividades do Congresso, visando com ele chamar as mulheres para a atividade sindical, mas relegando a um segundo plano as reivindicações específicas das mulheres trabalhadoras. A garantia de uma forma mais representativa de levar adiante as reivindicações das mulheres seria a preparação do Congresso nas bases. Mas, no caso, as metalúrgicas nem chegariam a propor esse Congresso, na medida em que sua participação política é praticamente nula. As metalúrgicas se encontraram e se conheceram na hora do início dos trabalhos e se viram diante de uma rotina que, em grande maioria, desconheciam até o momento.

21/1/78

A palestra sobre legislação do trabalho da mulher apontou que essa própria legislação, em vigor há longa data, raramente é cumprida pelo conjunto das empresas e é desconhecida pelos trabalhadores. Quem haveria de imaginar que há uma lei estabelecendo a obrigatoriedade de creches para empresas com 30 empregadas maiores de 16 anos? E assim o advogado Almir Pazzianoto, deputado pelo MDB paulista, deu como solução:

Quando alguma das senhoras ou senhoritas aqui presentes tiver nenê e não contar com ajuda de espécie alguma para cuidar dele enquanto trabalha, meu conselho amigo para a solução do seu caso: não peça as contas, não se demita. Vá até a porta da fábrica com a criança e exponha a questão aos chefes. Afinal, o problema também é deles.

O objetivo da palestra, segundo o orador, além de esclarecer as moças sobre as leis do trabalho feminino, era contribuir no sentido de que as metalúrgicas tirassem uma posição contrária a novos dispositivos da legislação: a liberação completa da hora extra e do trabalho noturno para as mulheres. O "dignificante" objetivo destas medidas propostas pelo legislativo seria acabar com as desigualdades entre o homem e a mulher... perante os patrões, naturalmente.

A seguir as metalúrgicas se reuniram em grupos, cada qual com um monitor para discutir as questões levantadas pela palestra. Mas a vontade de falar e trocar experiências sobre condições de trabalho e vida abafou, em muitos dos grupos a discussão sobre as leis. A presença de diretores do sindicato fez com

que se abrissem questionamentos a respeito do controle das empresas sobre os trabalhadores.

## Pode/não pode

— Na minha firma, quando se chega um minuto atrasada, eles mandam voltar. Isso é legal?  
— Não, isso não pode.  
— Na minha não se pode ficar mais que sete minutos no banheiro, a encarregada vai atrás... Isso pode?  
— Não, isso não pode.  
E as denúncias eram feitas, uma atrás da outra, muitas vezes em tom irônico e brincalhão.

— Agora querem tirar nossa hora de lanche. Proibido mastigar! Trabalhar direto, sem parar. Isso pode?  
— Ora, a gente para pra lanche assim mesmo... quero ver no que vai dar... Mas os diretores do sindicato, em geral de pé balançavam a cabeça:  
— Não, meninas, a única maneira de se conseguir alguma coisa é através do sindicato. Quando algo acontecer de errado, procurem os advogados do sindicato que são os advogados de vocês, falem com eles. É só através do sindicato que vocês vão conseguir suas reivindicações.

O monitor pedia atenção para o fato de ninguém dizer nada a respeito das mudanças na legislação.

— Que mudanças?  
— Essas descritas na palestra, vocês não ouviram? Que estabelecem a hora extra e o trabalho noturno para as mulheres. Que é que vocês acham?

O não é unânime, baseado fundamentalmente na aceitação do papel feminino no lar. Essa também é a visão do sindicato expressa no folheto de convocação ao congresso.

— Como é que vamos cuidar da casa com hora extra ainda por cima?  
— É o perigo de uma mulher andar à noite sozinha?

— E o desencontro com a família? Não vai dar certo. Na hora que um deita, o outro levanta... Qual o marido que vai gostar disso?  
— A noite é feita pra dormir, descansar o corpo. Ninguém devia trabalhar de noite, nem homem, nem mulher. Eu vejo meu irmão como é que é duro.  
— A que horas a gente vai cozinhar, passar, lavar, arrumar a casa?

De tarde nova palestra, desta vez de Paulo Vidal, secretário geral do sindicato, que lançou algumas hipóteses sobre o aproveitamento da mão de obra feminina no setor metalúrgico. O tema da palestra era "condições de trabalho para a mulher". O conferencista afirmou que o ambiente de trabalho encontrado pela metalúrgica é masculino. Por exemplo, os armários ocupados pelas mulheres não têm local para vestidos ou sapatos de salto alto; o atendimento médico não conta jamais com um ginecologista, os banheiros não possuem bidê.

— As mulheres são a salvaguarda da espécie e merecem o maior respeito. E esse ambiente masculino que encon-



A sociedade capitalista tem para com a mulher uma atitude dúbia — nunca a mão-de-obra feminina é totalmente absorvida ou expulsa da produção. Em momentos de crises, retomadas da expansão econômica, guerras, a mulher é chamada a "igualar-se" ao homem assumindo todas as suas atividades, só que com salários inferiores. Ou também é incentivada a não trabalhar fora, o que permite reorganizar a força de trabalho masculina, diminuindo artificialmente a taxa de desemprego. Essa ambiguidade em relação à mulher tem muitas variantes e é dada em função dos momentos históricos específicos de cada sociedade. Seu objetivo último, no entanto, é sempre o mesmo — o lucro, a reprodução ampliada do capital. Nas situações de arrocho

tram não lhes dá esse respeito. A maioria de vocês fica sujeito inclusive a cantadas dos chefes.

Essas preocupações do conferencista não surtiriam efeito junto aos grupos de trabalho. As discussões logo a seguir praticamente reproduziram as conversas da manhã. Desta vez, menos perguntas à diretoria do sindicato e esboços de conclusões. As reivindicações por melhores condições de trabalho e equiparação salarial foram a tônica.

## O salário feminino no setor metalúrgico de São Bernardo do Campo e Diadema é 57% inferior ao masculino.

— As fábricas deviam ter ventiladores; no calor o teto de zinco esquenta tanto, que as pessoas se molham todas. No outro dia, 12 meninas desmaiaram.  
— Já imaginou como é que foram atendidas...

— Se for igual no meu serviço devem ter dito que era fingimento, lavado a menina e mandado de volta pro trabalho.

— Foi assim mesmo!  
— Bom, no meu, além disso eles dão "AS", aquele remédio. Dor de barriga? "AS". Dor de cabeça, de fígado, de ouvido, canseira? "AS". O, santo remédio!

Os esboços de soluções apontadas foram bastante diversificadas, como provaram os 12 relatórios dos grupos. Algumas nuances que se escondem por trás de relatórios e documentos aparecem nas discussões vivas e dão uma mostra da diversidade do nível de consciência. A importância do congresso se situa aí também ao revelar que a maioria das lutas se encontram no plano específico e econômico: as condições de trabalho nas fábricas. Mesmo a questão do aumento salarial foi levantada com pouca ênfase.

salarial, a mulher é jogada no mercado de trabalho para recompor o poder aquisitivo familiar. A manutenção do trabalho doméstico não remunerado barateia os custos da reprodução da força de trabalho.

A história da mulher é de submissão ao homem. Há séculos a mulher — de formas diferenciadas, claro — vem sendo treinada para a passividade, fraqueza, falta de iniciativa. No modo de produção capitalista, portanto, quando se apela para a força de trabalho feminina, sabe-se que se contará com trabalhadoras dóceis e sem experiência de luta, devido à sua flutuação no processo produtivo.

Dai ser o machismo o grande aliado do modo de produção capitalista, pois quando maridos, pais, irmãos e namorados taxam de "natural" o fato de a mulher arcar, além do trabalho fora de casa, com todas as tarefas domésticas, quando deixa a mulher em casa tomando conta dos filhos para assistir a uma reunião, quando a exclui das discussões políticas, quando respeita o seu trabalho apenas como acessório, o que está fazendo é contribuir de fato para que a mulher não tenha noção de seus gestos enquanto membro de uma categoria profissional ou classe social.

Quando os homens assim agem, colaboram para que as mulheres aceitem receber baixos salários exercendo a mesma tarefa que eles — o que vai significar uma queda geral dos salários. Os homens consideram as mulheres suas rivais desleais, sem perceber que trabalhadoras homens e mulheres ficam sujeitos às mesmas leis de exploração, sem perceber que esse sistema social é que é incapaz de absorver todos os contingentes da força de trabalho (No Chile governado pela Unidade Popular a atitude conservadora dos operários para com suas companheiras, fez com que boa parte das trabalhadoras se aliasse às burguesas-puneleiras, o que foi tardiamente reconhecido pelos partidos da coalizão governamental).

E assim também a sociedade se mantém e se continua. A ideologia promove uma certa fraternidade entre as classes sociais. As conversas dos homens... Os cochichos das mulheres... O que aproxima o burguês do proletário? Seu lugar de chefe na família, cabeça do lar, proprietário da mulher. O que identifica a burguesa e a operária? A certeza de que ambas são "biologicamente" inferiores a seus amos individuais.

Algumas metalúrgicas, acentuando os maus tratos dos chefes (eles pensam o quê? Que são o pai da gente?) afirmaram que uma solução ideal seria trocar homens maus por bons.

— Mas por favor, trocar chefes homens por mulheres, não. Elas são muito piores que eles.

Dentre as propostas que surgiram nos relatórios encontravam-se desde a propaganda do sindicato, fiscais do sindicato que surpreendessem as fábricas com visitas não programadas, pressão para que o Ministério do Trabalho concedesse autonomia aos sindicatos, até operação tartaruga e greve. E nas reivindicações, desde redução da jornada de trabalho da mulher para 6 horas, para que ela possa se dedicar aos afazeres domésticos, aposentadoria para a mulher aos 20 anos de serviço, meio período de jornada de trabalho para a mãe até que o filho complete um ano, até creches, berçários e restaurantes para reduzir as tarefas domésticas, salários iguais para homens e mulheres, para maiores e menores, estabilidade de um ano, no mínimo, para a mulher que casa. A hora extra e o trabalho noturno foram repudiados.

— Se querem nos igualar aos homens, então que comecem pela equiparação salarial, e não pela permissão de hora extraordinária e trabalho de noite.

O 1º dia do Congresso terminou com todos de pé, entoando o Hino dos Metalúrgicos.

## Sábado, 28/1/78

O número de mulheres aumentou. A conferência da socióloga Annez Andraus traçou um panorama da situação da mulher na sociedade, acentuando aspectos de salário, mercado de trabalho e enfatizando os determinantes culturais da condição feminina. Logo em seguida, novamente os trabalhos de grupos, desta vez 14 grupos, mais de 300 metalúrgicas ao todo.

Uma coisa ficou certa para todos: a realização do Congresso foi suficiente para desencadear mudanças, tanto das empresas, quanto da disposição de luta das metalúrgicas.

— Essa semana lá no meu serviço o assunto foi o Congresso.

Na Polimatic instalaram-se chuveiros numa das seções. Em outra, desobedecendo ao sistema das famosas chapinhas (permissão para ir ao banheiro) as moças todas pararam de trabalhar e foram juntas lavar as mãos. Outro momento de calor intenso, arregaçaram as mangas e pernas da roupa, o que era proibido até então. Na Volkswagen, 254 operários, homens, passaram um abaixo-assinado em solidariedade a realização do Congresso, apoiando "as reivindicações específicas das companheiras".

A idéia que surgira timidamente em discussões do sábado anterior a respeito da criação de um departamento feminino no sindicato se espalhou pelos grupos de trabalho. Isto, apesar do não de Lula: — um departamento feminino, segundo ele, viria dividir a luta dos trabalhadores. O Congresso da Mulher Metalúrgica teria acontecido apenas para chamar as mulheres ao sindicato. Para ele, a partir de então elas atuariam como sindicalistas de modo geral, e não como mulheres, com suas questões específicas.

A opinião das metalúrgicas variava: — No departamento feminino a gente viria sem vergonha, encontrar mulheres com mulheres.

— Tem muita menina que fica sem jeito de vir ao sindicato, acham que é lugar de homem.

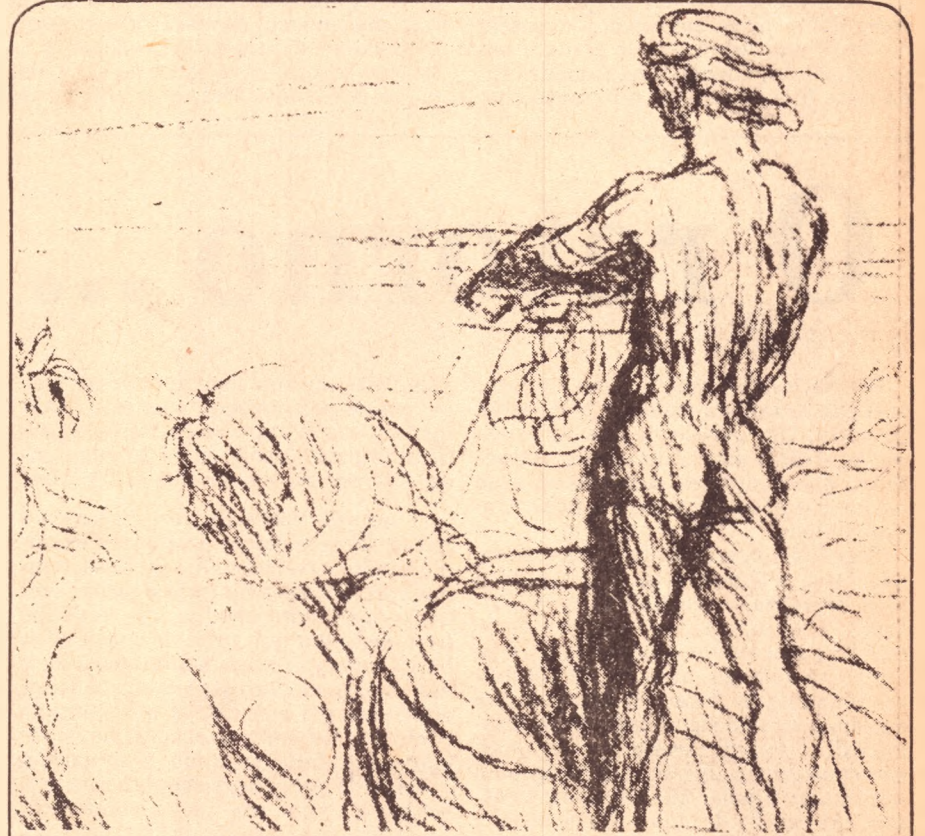
— O sindicato tem fama de ser o lugar de perdição, onde os homens fazem propostas... Por isso o departamento feminino é importante. Ele pode acabar com essas idéias.

— Mas também ele é importante para a gente discutir os problemas da gente. Vocês viram: na mesa que dirigiu o Congresso só tinha homem. É claro que eles vão puxar a sardinha pra brasa deles.

— Podiam ter uma reunião a cada mês, cada 15 dias.

— Podiam ter filmes, cursos.

— Podiam escrever para o jornal do sindicato.



Os sindicatos, estão, enquanto formas de organização por categorias dos trabalhadores, no campo da luta de resistência ao modo de produção capitalista. Pela compreensão dessa sua função entende-se também seus limites. Eles não aparecem na história das lutas operárias como alternativa de organização ao conjunto da classe — função essa desenvolvida por seu partido próprio. Operam entretanto importante papel de organizar setores específicos dos trabalhadores que disputam no mercado de trabalho capitalista melhores preços pela venda de sua força de trabalho, no sentido de conquistarem principalmente concessões econômicas. Não têm condições portanto, de se oferecerem como alternativa de organização visando a transformação global da sociedade.

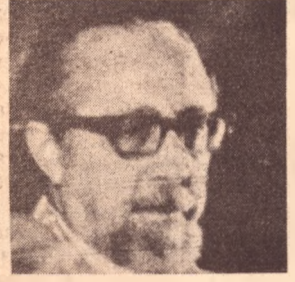
No Brasil, desde meados da década de 30 estão sob o controle ainda mais direto do Estado. Incorporados ao Ministério do Trabalho e definidos como entidades de utilidade pública para as quais o Estado delega através das diretorias — o exercício das atividades sindicais, estão sujeitos portanto a qualquer momento à intervenção governamental. Atrilados dessa forma, perdem a independência de mobilização dos trabalhadores na conquista de melhores salários, restringindo sua ação sindical a quase exclusiva prestação de serviços médicos, hospitalares, jurídicos — pagos pelos próprios trabalhadores.





# Com a palavra, a Ilha.

Como Cuba enfrenta hoje a política externa dos Estados Unidos? Que posição ela assume diante da campanha por "direitos humanos" de Carter? E a questão africana? Quais seriam as perspectivas da América Latina? E a atual crise mundial do capitalismo?



**CARLOS RAFAEL RODRIGUEZ, membro do Comitê Central do Partido Comunista Cubano, discute estas e outras questões em entrevista ao jornalista Pablo Galvez, da revista mexicana "Cuadernos del Tercero Mundo" (edição de outº/77).**

- O presidente Jimmy Carter confunde a maior parte dos observadores, que não conseguem caracterizá-lo. Sobre este ponto, duas coisas: Como o caracterizar? Que política você acredita será seguida, e nos aspectos básicos, pela atual administração, e o que representaria de novo em relação ao passado?

É difícil e prematuro definir o presidente Carter. Tem semelhanças com Woodrow Wilson e John Kennedy, mas Carter nem frequentou Princeton, nem se formou nos grupos milionários de Boston. É um produto de Plains e está marcado por essa formação inicial. Há nele um ingrediente moral muito ao gosto dos norte-americanos, que ensaiam uma recuperação depois do desastre de Nixon.

Como você sabe, o grave da política imperialista dos Estados Unidos é que o povo norte-americano lhe deu seu apoio com a convicção profunda de que está realizando um dever moral internacional, o mesmo de quando respaldou a intervenção no Panamá na época da separação da Colômbia, de quando referendou o avanço do paralelo 38 da Coréia, ou quando apoiou as forças aliadas na Primeira Guerra imperialista de 1914-1918. O importante e dramático da guerra do Vietnã, do processo de Cuba e de Watergate, que foi a culminação daqueles acontecimentos, é que pela primeira vez o povo norte-americano pôde se dar conta de toda a podridão e inumanidade que havia na política do imperialismo, tanto no exterior quanto internamente. O baque moral foi grande e constituiu uma das mais importantes crises de consciência e política do povo norte-americano.

Carter se propôs resgatar aquele ingrediente moral da política externa, e por isso lembra Wilson, mas quer fazê-lo com um matiz de posições liberais similares a de John Kennedy. Seu estilo é, no entanto, mais rural, e aqui está a influência de Plains.

No que diz respeito à América Latina e aos países do Terceiro Mundo, isso significa uma mudança de métodos na aplicação da política que mais convém aos interesses permanentes dos Estados Unidos, como potência, e de seus grandes monopólios como força fundamental do país. Mas não há dúvidas de que cometeríamos um erro se não percebêssemos que essa forma de levar a política norte-americana sob Carter, cria também, de nossa parte, a necessidade de uma resposta distinta daquelas que demos diante das brutalidades de Johnson e de Nixon.

## Direitos humanos como instrumento político anti-soviético

A presença de Andrew Young e a de Kissinger na África não é a mesma coisa, embora o que se procure não seja diferente.

A distensão continuará. É quase inexorável. Mas o "trilateralismo", a globalidade de critérios que Carter quer atingir, em vez daquela hegemonia atlântica de Kissinger, dá à situação internacional um novo matiz.

Que fins acredita que Carter persegue com sua campanha sobre direitos humanos, na qual coloca em um mesmo plano as ditaduras reacionárias e as nações socialistas? Cuba vê essa campanha como um perigo efetivo à distensão?

- O assunto dos direitos humanos reflete a contradição interna de Carter. Não duvidamos de que na defesa dos direitos humanos apareça esse ingrediente moral que é parte de sua personalidade e que pretendeu incorporar à política externa norte-americana, mas o uso que setores da política norte-americana pretendem dar a ele converte esse problema em um instrumento político anti-soviético - e anti-socialista em geral. Pretendem continuar usando os direitos humanos na crítica ao sistema socialista, dar a esses direitos uma interpretação completamente formal, e aí está seu perigo tanto para o processo de distensão, como veremos, como para os próprios objetivos políticos do presidente Carter.

No que se refere à substância do assunto, há uma evidente confusão entre democracia e liberalismo. Os regimes socialistas nunca afirmaram que praticam o liberalismo como sistema de governo. São, isso sim, a manifestação mais completa e total que já existiu na história, da verdadeira democracia. Democracia quer dizer o governo pelo povo, e, por isso, Lenin distinguia com nitidez a democracia burguesa - onde o poder do povo não só está limitado, mas é puramente formal (por isso, Jean Jacques Rousseau dizia que a democracia inglesa existia apenas uma vez a cada sete anos, quer dizer, quando o povo inglês ou parte dele tinha o direito de depositar um voto nas urnas) - e a democracia dos trabalhadores, ou socialista, na qual o poder real está todos os dias não só com a classe operária, que é a mais numerosa, mas com o povo em seu conjunto, operários, camponeses, classes médias, trabalhadores administrativos, intelectuais etc. Não creio que sobre isso possa existir alguma discussão.

Os políticos burgueses reprovam esse socialismo profundamente democrático e que não aceita certos elementos do liberalismo tradicional; reprovam que em alguns países socialistas não exista o pluripartidarismo,

ou que instituições que são o resultado da luta do povo contra os regimes feudais ou burgueses - por exemplo, o habeas corpus - não figurem ali à maneira ocidental. De nossa parte, poderíamos fazer um catálogo de todas as mentiras desse suposto liberalismo. Basta dizer que nos momentos decisivos da história de cada país tudo isso não é mais que uma piedosa mentira.

A segunda e talvez mais decisiva confusão é a que se pretende criar a respeito da resposta de Fidel Castro a um jornalista norte-americano, em que demonstra como nós, os socialistas, estabelecemos pela primeira vez a vigência dos reais direitos humanos: o direito de comer, de emprego, de acesso de todos à educação, do gozo gratuito de assistência à saúde, de nossas mulheres e filhas não terem de se entregar à prostituição, de eliminar por completo a discriminação racial, e tantos outros. Enumerando esses elementos, se vê que nenhum desses direitos humanos tem vigência verdadeira na mais poderosa das chamadas "democracias ocidentais", os Estados Unidos.

Por outro lado, como dissemos, o uso que Carter e seus associados querem fazer do problema dos direitos humanos na política internacional se voltou contra eles. Talvez envolvidos em sua própria propaganda não se deram conta de que a imensa maioria de seus aliados não apenas mantém regimes profundamente antidemocráticos, mas que são também exemplares notórios da falta de todo tipo de direitos humanos em suas sociedades: não só daqueles mais importantes e profundos, mas também daqueles que no Ocidente se pretende apresentar como baseados em nossas sociedades socialistas. E por aí que as restrições que Carter pretendeu aplicar a determinados países (porque neles não se pratica este ou aquele princípio que figura formalmente na vida política norte-americana quando não têm necessidade de suprimi-lo, provocaram choques com a maior parte de seus aliados do cone sul latino-americano e da América Central, como também com os seus melhores satélites na Ásia e África.

Por isso começa a funcionar de novo a velha hipocrisia moralista. Se diz que não haverá ajuda para os governos que não respeitam esses chamados "direitos humanos", mas em seguida isso é relativizado, dizendo-se que determinados governos, que não permitem a seus cidadãos nem respirar e mantêm cárceres cheios de presos políticos se continuar ajudando, porque se não, o povo sofreria as consequências. É uma maneira tartufiana de exercer a política internacional. Nada é mais ridículo, e portanto provoca mais irritação, que ler nos telegramas internacionais a notícia de que o secretário de Estado Vance e o Xá do Irã comprovaram a identidade de pontos de vista de ambos os governos em torno aos "direitos humanos". Como se no Irã a vida humana valesse um centavo para os opositores do Xá e como se os cárceres não estivessem lotados de gente que se atreveu a abraçar o marxismo-leninismo ou simplesmente a exigir o pão.

## Na América Latina, o avanço de setores progressistas

- Nesta década, os setores progressistas sofreram sérios reveses na América Latina e o quadro continua sombrio. Há elementos para pensar que essa situação sofrerá mudanças, especialmente no que se refere às ditaduras do cone sul? Nesse aspecto, acredita que a posição do governo Carter influirá?

- Eu diria que embora como você diz, nestes sete anos de década, os setores progressistas sofreram sérios reveses na América Latina, não há dúvidas também de que têm ocorrido importantes progressos na área, que não podemos deixar de levar em conta. As transformações ocorridas no Caribe e o aparecimento de governos que proclamaram intenções de mudança socialista, como os da Jamaica e Guiana, assim o demonstram. Na Venezuela surgiu uma política nacionalista de defesa dos recursos naturais do país, que aprofunda contradições importantes com o imperialismo norte-americano e que atua, sem dúvida, no desenvolvimento posterior da política continental. Os anos de governo de Echeverria no México significaram uma renovação, tanto na política externa quanto na interna. Pela primeira vez, a oligarquia político-econômico, que, depois das tentativas de transformação de Cardenas, governou tranquilamente por quase 40 anos, é questionada por amplas camadas populares, que começam a buscar formas políticas idôneas para obter o acesso a posições de poder.

Os anos que se seguiram ao estabelecimento do poder militar de Velasco Alvarado, no Peru, deixaram uma marca inapagável, qualquer que seja o rumo imediato daquele país, onde agora se parece buscar uma solução constitucional à crise política ali criada.

Em seu conjunto, a partir da Revolução Cubana, a dinâmica dos acontecimentos latino-americanos se manifestou, evidentemente, no sentido do avanço contínuo e no do desenvolvimento crescente da consciência popular, em especial da classe trabalhadora, embora a es-



Para Rodriguez, Fidel expressou o internacionalismo na África

querda não tenha triunfado. E se bem que, como se disse na Conferência dos Partidos Comunistas de 1974, não seja possível prever, no plano imediato, o desenvolvimento de revoluções que realizem como os obtidos pela Revolução Cubana, não é menos certo que o que cresce nos povos da América Latina não é a influência ideológica burguesa ou reacionária, mas as ideias progressistas e revolucionárias. Aumenta também a organização da classe operária.

Quando alguém observa os países onde as derrotas foram maiores, como o Chile e o Uruguai, ou onde a situação piora, como a Argentina, nota claramente que a reação e o imperialismo não deram resultado de modo definitivo com suas vitórias, por brutais e sanguinárias que tenham sido. O fracasso de Pinochet e de sua junta militar é ostensivo no Chile. A incapacidade da reação militar governar no Uruguai é a cada dia mais patente. A Argentina busca continuamente alternativas para uma crise que se expressa em milhares de mortos por ano. No Brasil, qualquer "abertura" do governo, como as sucessivas eleições em que se permitiu a existência de uma oposição controlada, indica, com verdadeiras explosões populares, que o povo exige mudanças e que está disposto a obtê-las.

## África, o cenário decisivo das lutas antiimperialistas

É que o imperialismo não tem soluções para os problemas básicos da América Latina. Agora, as "alianças para o progresso" não enganam mais ninguém. As discussões sobre os problemas do comércio, sobre a política das transnacionais agravam, em vez de resolver, as contradições entre a América Latina e os Estados Unidos. Por isso, apesar de nesse momento prevalecer na América Latina governos de cunho fascista, que aparentemente garantem os interesses norte-americanos, os Estados Unidos são demasiado sábios para notarem a debilidade de tais regimes. Jorge Dimitrov, que a história caracterizou como o personagem mais destacado no combate contra o fascismo e o nazismo, deixou uma observação de valor permanente: "O fascismo - disse - é um poder feroz, porém precário". Por isso que hoje, para impedir os avanços de uma autêntica revolução, o imperialismo e alguns governos reformistas não encontram outro caminho senão o de estimular a influência social-democrata na América Latina.

Este é um fenômeno novo, porque, embora na época em que Haya de la Torre, Muñoz Marín, Figueres e Betancourt eram os propagandistas principais do anticomunismo de Washington e defendessem soluções tipicamente social-democratas, nunca se vincularam oficialmente à Internacional Socialista. Agora, em Caracas, no México, Willy Brandt, Mário Soares e outros atuam para estender a América Latina as posições da social-democracia ocidental. Pessoalmente, acredito que seria errado considerar que essa presença - que sem dúvida é útil ao imperialismo - é tão perigosa como a dos sustentadores do fascismo. Mas acredito também que os que querem desenvolver uma autêntica e profunda revolução latino-americana, que produza as transformações necessárias, terão de levar em conta os perigos de um desvio reformista que essa atividade social-democrata tende a estimular.

- Como qualificaria a importância da África no atual contexto internacional?

- A África converteu-se num dos centros decisivos da política contemporânea. Terminada a luta heróica e vitoriosa do Vietnã, que com o Laos e Kampuchea (ex-Camboja) arrebatarem ao imperialismo a antiga Indochina e criaram uma nova situação no sudeste asiático, a África é hoje o cenário mais importante da luta contra o imperialismo e os restos de colonialismo.

A América Latina está, nesses termos, um pouco atrás, o que tem muito que ver com a existência, entre nós, de velhas oligarquias, nas quais entrelaçam-se interesses de antigos latifundiários com os de novas burguesias dependentes dos monopólios e transnacionais estrangeiras, que constituem um instrumento e apoio da presença imperialista, enquanto que aqueles setores da burguesia que, pela natureza de suas produções, entram em contradição com o imperialismo permanecem sendo débeis e conciliadores.

## Trilateralismo não resolve contradições do capitalismo

Na maior parte dos países da África, pelo contrário, não existem essas estruturas consolidadas, das quais o imperialismo poderia se valer. A derrota do colonialismo português, devida em grande parte à luta dos povos de Guiné Bissau, Moçambique e Angola, criou na África uma nova possibilidade. A agressão que o imperialismo iniciou contra Angola, por meio de Mobuto, no Zaire, e das forças da África do Sul, deu origem, a um dos acontecimentos mais importantes do últimos tempos, com a expressão internacionalista de Cuba e a luta do povo angolano. Essa situação polarizou as forças da África e consolidou a posição revolucionária de mais de

vinte países africanos que nesse momento souberam assumir uma autêntica posição revolucionária de solidariedade com Angola. Sekou Touré, da Guiné, extraiu de imediato as consequências políticas dessa poluição quando falou da necessidade de uma frente única dos progressistas africanos. A África "se move", e isso é o que inquieta aos imperialistas, pois os europeus se mostram hoje aparentemente mais ativos que o imperialismo norte-americano. A manipulação do Egito e do Sudão, a utilização do Marrocos e a mobilização da retórica de Leopold Senghor são parte dessa angústia que a situação africana causa nas chancelarias imperialistas.

Como qualifica a doutrina "trilateral" (Estados Unidos, Japão, Europa Ocidental)? Acredita que é possível harmonizar os interesses das potências capitalistas ao aplicar-se na prática essa doutrina?

- A chamada doutrina "trilateral" é uma das alternativas do imperialismo norte-americano para assegurar seu domínio no mundo. Kissinger pretendeu exercer esse predomínio de uma forma hegemônica um tanto brusca. Seu "atlantismo", que sem dúvida ele considerava tão necessário como Brzezinski, dava, entretanto, às potências da Europa Ocidental uma posição ostensivamente secundária, o que causou não poucos inconvenientes na aplicação dessa política. O "trilateralismo" é uma forma distinta de reconhecer a necessária globalidade da política imperialista nas atuais circunstâncias históricas. Essa globalidade resulta da enorme força expansiva das ideias revolucionárias e da influência crescente do socialismo. Historicamente, a correlação de forças se inclina mais e mais para o socialismo. Para detê-lo os imperialistas precisam de esforços tenazes e conscientes para conseguir a globalidade necessária dentro de uma situação que engendra permanentes contradições. Os Estados Unidos têm que reconhecer a existência e os objetivos próprios do Japão e da Comunidade Econômica Européia, e o "trilateralismo" é um "método" para focar essa colaboração.

## "Estou certo de que o sistema burguês está condenado"

Por outro lado, será impossível eliminar as contradições, que se fazem mais agudas na medida em que a crise permanente do capitalismo ameaça com situações cada vez mais catastróficas. Além disso, o fato de Washington tratar com consideração maior seus sócios em Tóquio e de Bruxelas não reduz a decisão hegemônica dos Estados Unidos. É certo que a personalidade de Carter e sua forma de manifestar-se "seduziram" seus colegas e inclusive, serviram para minorar a tensa situação que existia com Schmidt e a Alemanha Ocidental. Mas a história mostra que o decisivo nestes casos não é o encanto pessoal nem os bons modos. Substancialmente, prevalecem as necessidades econômicas e as tendências de cada força imperialista se sobrepor às demais.

- Em que medida vê presente a crise do capitalismo nos problemas internacionais mencionados?

- Acabo de enumerá-los. A crise geral do capitalismo e mais especificamente, a crise econômica, que constitui um fenômeno cíclico e uma ameaça permanente, é o cenário em que se movem esses problemas. Se afirmei que o imperialismo norte-americano não teria soluções para a América Latina é porque pensamos que as dificuldades financeiras que o atingem não permitem uma capacidade excedente de manobra que, no passado, lhe permitiam fazer algumas concessões para contentar à seus insatisfeitos subalternos das burguesias dependentes da América Latina. Os chefes do capitalismo contemporâneo, já admitiram que têm sobre si 15 milhões de desempregados e que não podem conter a inflação. Essa dualidade dramática do encurrala e eles não podem e nem poderão resolvê-la. O espectro de uma competição comercial elimina os sonhos dos governantes do capitalismo. E essa competição se faz cada vez mais inevitável, à luz das situações desiguais que existem entre eles e das possibilidades - derivadas da eficiência tecnológica e do barateamento relativo da mão-de-obra - que algumas dessas potências podem utilizar em uma competição de preços que traria as mesmas consequências que engendrou os anos da grande depressão.

Tudo confirma que o diagnóstico de Marx sobre a crise do capitalismo está correto, apesar de ter sido, paradoxalmente, a brilhante tese e a profunda análise de Karl Marx que permitirá a Keynes e outros teóricos da economia burguesa encontrar os instrumentos para minorar a crise e adiar um novo 1929. Entretanto, quando alguém fala com os dirigentes da economia internacional capitalista, sai convencido de que eles mesmos não sabem até quando essa situação poderá durar, acumulando a cada dia mais elementos explosivos e que, em alguma oportunidade, chegará ao ponto de catástrofe. Não gosto de ser apocalíptico, mas estou convencido de que o capitalismo já está condenado.

# Alugam-se repórteres. Tratar com a CIA.

Num momento em que se discute no Brasil sobre a liberdade de imprensa, levando também em consideração o papel da "imprensa livre" norte-americana no caso Watergate EM TEMPO publica um comentário sobre os limites dentro dos quais age a imprensa na sociedade capitalista, particularmente no país considerado o "baluarte da democracia Ocidental". As recentes "revelações" do New York Times sobre a interferência direta e indireta da CIA na imprensa do "mundo livre" representam nada mais do que a mínima ponta de um imenso iceberg de podridão.

Terminaram os dias de glória da imprensa norte-americana, vitimada pelas revelações de que os heróis de Watergate e dos Papéis do Petágono eram também os vilões que se prestavam ao jogo quase sempre sujo do serviço de espionagem dos Estados Unidos. As recentes revelações feitas por um dos heróis/vilões, o New York Times, ressalva a honorabilidade de alguns jornalistas, impedindo uma identificação genérica do correspondente estrangeiro norte-americano como espião, mas lançaram uma ponta de dúvida sobre suas reportagens e seus interesses.

Um líder político latino-americano exilado em Nova Iorque, comentando o entrelaçamento dos interesses da CIA, das grandes corporações proprietárias de jornais nos Estados Unidos e dos impérios jornalísticos do Brasil, do Chile e da Argentina nestas últimas décadas, afirmou que possivelmente as revelações do New York Times sejam apenas o pico visível de um iceberg imenso.

No que se refere especificamente ao caso da imprensa norte-americana, as revelações do Times não provocaram o que se chamaria de um terremoto, mas contribuíram para que a crista que se erguer implacável após o escândalo de Watergate baixasse levemente a humilhação. Levemente porque alguns dos envolvidos nos serviços de espionagem - a soldo ou não da CIA - usam as colunas em seus jornais e revistas para considerar o interrelacionamento CIA-correspondente estrangeiro e a mútua troca de informações como um fato natural, que em nada arranhava a ética profissional ou prejudicava o trabalho jornalístico em si. Outros justificaram seu envolvimento com a cândida explicação de que o mundo da guerra fria não possibilitava a existência do repórter neutro, do relato imparcial, pois a imprensa era uma das armas dessa guerra. Foram explicações como essas que permitiram que a CIA montasse o que o jornal Guardian de Nova Iorque (um nanico daqui que se diz

radical-independente), chama de "programa global alugue-um-repórter".

Parte desse programa global já havia sido revelado pelo repórter do Watergate, Carl Bernstein, num artigo que a revista Rolling Stone publicou meio ano antes que o New York Times nos apresentasse com sua série no Natal passado. Uma boa parcela das revelações de agora já eram de conhecimento público, junto com outros fatos que Bernstein e o Times omitem ou citam apenas ligeiramente.

"No interesse da segurança nacional", jornais e jornalistas submetem-se à pressão do governo e dos serviços de espionagem dos Estados Unidos nos seguintes episódios:

1. O público norte-americano deixou de ser informado do que ocorria na Coreia no início da década de 50, com a sonegação de fatos relacionados aos complicados bastidores da pré-guerra e ao inútil comando das Nações Unidas na região.

2. As principais organizações jornalísticas, inclusive as agências de notícias, fecharam os planos da CIA para derrubar o governo democraticamente eleito de Jacobo Arbenz na Guatemala, numa invasão patrocinada pelos serviços secretos norte-americanos que acabou tendo amplo sucesso. Desde então, 1954, até agora, nenhum dirigente "comunista" pôs os pés no palácio presidencial guatemalteco graças ao trabalho da CIA (e dos jornais) que "salvou" a Guatemala para a "democracia", para o "Occidente cristão" e principalmente para a bananera ex-United Fruit, hoje United Brands.

3. As origens da intervenção norte-americana no Vietnã foram denunciadas apenas pelas "honrosas exceções" de sempre. A cobertura dos grandes jornais e das agên-

cias justificava a presença usando os jargões que se repetiriam em todas as outras intervenções, diretas ou veladas, da CIA: "perigo comunista", "interesses da democracia", etc. Alguns jornalistas e seus jornais mantiveram os jargões até o fim, inclusive nos despachos que eram emitidos de Guam ou de Bangkok, após a queda de Saigon nas mãos do Vietcong.

4. Herbert Matthews, o jornalista que entrevistou Fidel Castro para o New York Times no início da guerrilha contra Fulgêncio Batista, considera que a mais miserável cobertura de seus 35 anos de jornalismo foi a da questão cubana. Por questão cubana ele quer dizer a invasão da baía dos Porcos e a crise dos mísseis. Pelo menos o Miami Herald e o New York Times conheciam os detalhes da arremetida de anticomunistas que a CIA patrocinava e treinava - primeiro na Flórida, depois na Guatemala - para tentar invadir Cuba e derrubar Fidel Castro. "Em nome da segurança nacional", as informações não chegaram às bancas.

5. Pouco tempo antes, tanto o NIT como outros jornais sabiam da existência dos vôos de espionagem sobre a União Soviética, mesmo com os desmentidos do governo. Nenhum deles publicou nada até que as fotos do U-2 e de seu piloto Garry Powers fossem jogadas no rosto de Eisenhower em 1960, em Paris, fazendo abortar uma conferência de cúpula de Ike com o premier soviético Nikita Krushchev.

6. Mais recentemente há o encobrimento da história fiasco do submarino Glomar, que naufragou no pacífico e para cujo resgate a CIA gastou inutilmente cerca de um bilhão de dólares, boa parte dos quais através do excêntrico milionário Howard Hughes. O repórter do Times que tinha toda a história, Sy Hersh, foi intimado a calar a boca e foi escalado para cobrir os jogos de beisebol do Dodgers, a pedido de William Colby, então diretor da CIA.

7. Mais recentemente ainda, há a história confusa de como os papéis que estavam, dentro da pasta de Orlando Letelier quando ele foi assassinado em Washington, em 1976, foram parar nas mãos de jornalistas que, reconhecidamente, são frequentadores dos escritórios dos serviços de espionagem, entre eles Jack Anderson, Evans & Novak, William Buckley (que até agente da CIA já foi) e Jeremiah O'Leary. Tais documentos tentavam dar a impressão de que Letelier, ex-chanceler de Allende seria um agente de Havana ou de Moscou.

Todos estes fatos também compõem o panorama da imprensa americana anterior, contemporânea ou posterior aos dias de glória quando o escândalo de Watergate transformou a imprensa numa espécie de tribunal anti-Nixon. E uma amostra de que a imprensa não é tão livre como parece e de que os episódios de submissão às pressões parecem ser mais frequentes que os de independência.

Até mesmo a glória máxima dessa imprensa, a cobertura do Watergate, está sendo analisada do ponto de vista dos interesses a que serviu. Uma das especulações é a de que toda a pressão contra Nixon integrava os esforços dos bancos, corporações e órgãos de imprensa agrupados da Comissão Tripartite que se opunham à "nova política econômica" da Casa Branca. Esta, a partir de 1971, pretendia mudar o sistema monetário e comercial do mundo num sentido que seria prejudicial aos interesses e aos lucros das corporações multinacionais. Editores e diretores da revista Time, e dos jornais Washington Post Los Angeles Times, entre outros, estão entre os 200 membros da expressão mais atual do capital monopolista internacional que é a Comissão Tripartite, junto com quase toda a equipe do governo Carter.

Olyr Zavascki, de Nova York



## Tribunal Russel e a violação dos direitos humanos na Alemanha

Siegfried Buschscluter, Bonn

O governo da Alemanha Ocidental está profundamente preocupado com o efeito que o desdobramento do Tribunal Bertrand Russel sobre repressão na Alemanha Ocidental poderá ter quanto à imagem externa do país. Essa iniciativa está sendo encarada pelo governo germânico como uma tentativa de grupos da "nova esquerda" de desencadear uma campanha difamatória contra o país.

Um documento confidencial do Ministério do Interior que acabou nas mãos da imprensa, conclui que os perigos advindos do Tribunal devem ser evitados. Entre as "contramedidas" propostas no documento acham-se instruções para as autoridades públicas não cederem locais para manifestações relacionadas com o Tribunal, impedir a polícia e impedir a entrada de estrangeiros que venham tomar parte nesse evento.

O primeiro Tribunal Russel, realizado em 1966, dedicou-se a desvendar os crimes cometidos na Guerra do Vietnã. O segundo, em 73, foi convocado para examinar violações dos direitos humanos na América Latina, especialmente no Chile, enquanto o terceiro, iniciado em outubro passado e que vai até abril deste ano, examinará as consequências do decreto que proíbe o acesso de "extremistas" ao serviço público e a ameaça aos direitos hu-

manos contida na nova legislação de combate ao terrorismo.

Desde a primeira vez que a idéia do Tribunal sobre a Alemanha Ocidental foi levantada, em meados de 76, a reação das autoridades tem sido de hostilidade e a escolha desse país foi encarada como um insulto. Nesse sentido, esse governo vem tachando os organizadores de Tribunal e os grupos de esquerda que o apoia de solapadores da democracia alemã.

O anúncio desse terceiro tribunal, em outubro último, foi feito em meio ao sequestro de Schleyer e do Boeing da Lufthansa e foi considerado extremamente inoportuno por muitos alemães. Já nessa época, mesmo os Estados mais liberais da Alemanha, mostravam tendências no sentido de suprimir algumas das liberdades democráticas na luta contra o terrorismo.

A mais notória dentre as novas leis restritivas às liberdades (a chamada Lei Kontaktsperre), isolava virtualmente de exterior a todos os prisioneiros que haviam cometido ou eram suspeitos de atos terroristas. Essas e outras medidas confirmam hoje o espectro de uma Alemanha que caminha para o autoritarismo.

Diante desse quadro, o governo alemão, está preocupado com os desdobramentos que poderá ter esse Tribunal, no sentido de dar uma aparência autoritária do governo. De acordo com o documento confidencial do Ministério do Interior, existe o perigo de que tal evento poderá fazer aflorar novos protestos, acumular e intensificar os já existentes, assim como fortalecer o extremismo violento e a simpatia pela luta dos terroristas contra o Estado.

Algumas das contra-medidas sugeridas no documento reforçam os temores de uma recaída da democracia alemã no autoritarismo. Pensando a oportunidade de banir ou dissolver o Tribunal, os autores do documento concluem pela conveniência de a polícia acabar com ele "por razões inquestionáveis de segurança, pois acreditam que os organizadores do tribunal tolerarão os depoimentos de elementos relacionados com atos criminosos. A simples suspeita de tais depoimentos é suficiente para justificar medidas drásticas da polícia.



editora brasiliense

NAS LIVRARIAS OU PELO Reembolso Postal Caixa Postal, 30.644 - SÃO PAULO

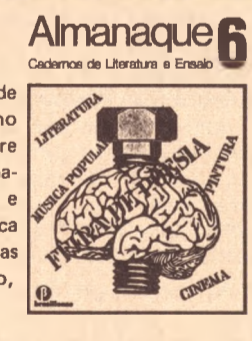
editora brasiliense



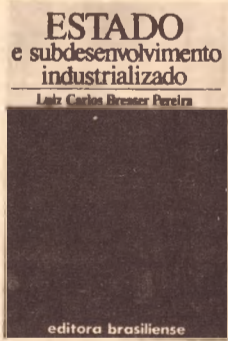
**A Revolução Brasileira**  
Caio Prado Jr.  
Análise das perspectivas econômicas e políticas que se apresentam na atual fase da evolução histórica brasileira. Essa análise é feita rigorosamente na base das condições peculiares e específicas da nossa realidade.  
Cr\$ 98,00



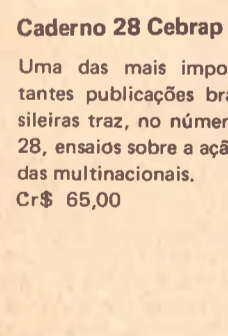
**Fome de Lucros**  
Bernardo Kucinski e R. J. Ledogar  
"A leitura de 'Fome de Lucros', fruto de trabalho de documentação sobre a atuação das multinacionais de alimentos e remédios na América Latina levanta novas dúvidas (Ivan Maurício, Movimento)  
Cr\$ 90,00



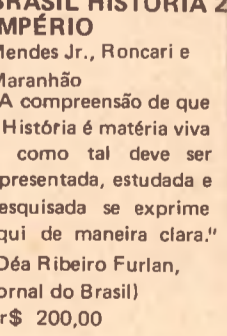
**Almanaque 6**  
Cadernos de Literatura e ensaios organizado por Bento Prado Jr. e Walnice Nogueira Galvão.  
"A importância de alguns trabalhos, a instigação fornecida por outros, o prazer da escrita (...) estão presentes com peso."  
editora brasiliense



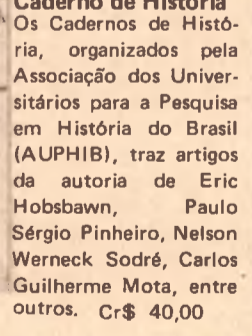
**Estado e subdesenvolvimento industrializado**  
Luis C. Bresser Pereira  
"É uma volta à discussão do conceito de tecnoburocracia (...) não se trata de legitimar o sistema capitalista, mas justamente de aprofundar a crítica de sua atual configuração."  
Cr\$ 180,00



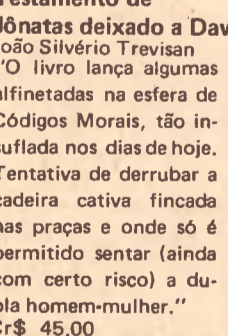
**Caderno 28 Cebrap**  
Uma das mais importantes publicações brasileiras traz, no número 28, ensaios sobre a ação das multinacionais.  
Cr\$ 65,00



**BRASIL HISTÓRIA 2 IMPÉRIO**  
Mendes Jr., Roncari e Maranhão  
"A compreensão de que a História é matéria viva e como tal deve ser apresentada, estudada e pesquisada se exprime aqui de maneira clara."  
(Déa Ribeiro Furlan, Jornal do Brasil)  
Cr\$ 200,00



**Caderno de História**  
Os Cadernos de História, organizados pela Associação dos Universitários para a Pesquisa em História do Brasil (AUPHIB), traz artigos de autoria de Eric Hobsbawm, Paulo Sérgio Pinheiro, Nelson Werneck Sodré, Carlos Guilherme Mota, entre outros.  
Cr\$ 40,00



**Testamento de Jônatas deixado a Davi**  
João Silvério Trevisan  
"O livro lança algumas alfinetadas na esfera de Códigos Morais, tão inflada nos dias de hoje. Tentativa de derrubar a cadeira cativa fincada nas praças e onde só é permitido sentar (ainda com certo risco) a dupla homem-mulher."  
Cr\$ 45,00



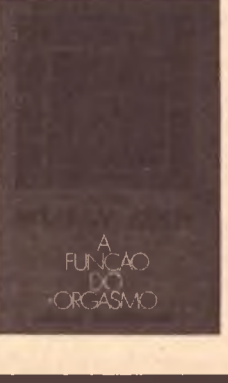
**Amazônia**  
Fernando Henrique Cardoso e G. Müller  
"Uma história subterrânea da Amazônia: a crônica da exploração brutal do trabalho, da base populacional indígena, a forma pela qual são tratados os trabalhadores."  
(FOLHA DE SP)  
Cr\$ 75,00



**Artistas e festas populares**  
Ensaio de Murilo Carvalho, José Miguel Wisnick, Hermilo Borba Filho, Gilberto N. Galvão sobre a cultura popular.  
Cr\$ 40,00



**O Povo do Mar**  
Wilson Rio Apa  
"Rio Apa apura neste seu novo livro sua maneira pessoalíssima de escrever, levantando a realidade sócio-econômica e cultural dos povos ribeirinhos, com suas lendas, tradições e problemas."  
(Torriero Guimarães, Folha da Tarde)  
Cr\$ 85,00



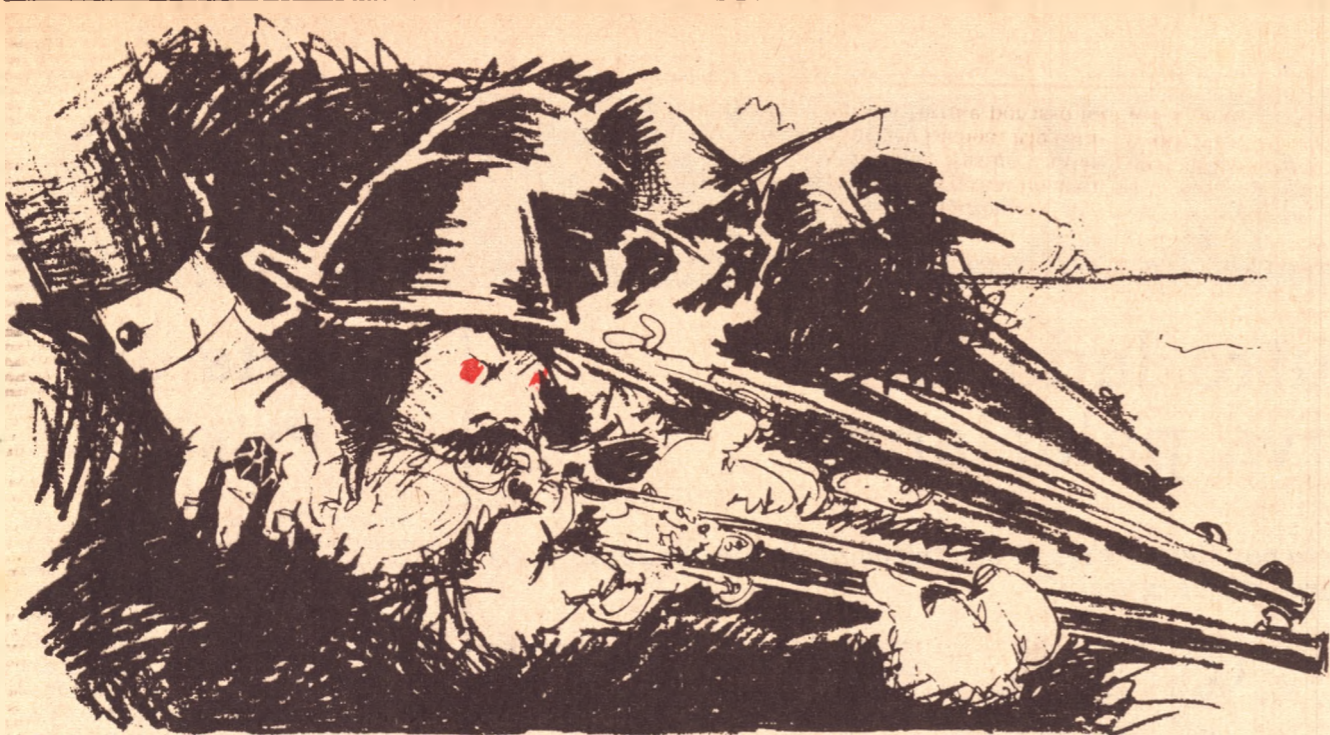
**Função do Orgasmo**  
Wilhelm Reich  
Este livro sintetiza o trabalho médico e científico de Wilhelm Reich com o organismo humano em um período de vinte anos, e apresenta todo o desenvolvimento desse trabalho em sua rápida progressão da esfera da psicologia para a da biologia.  
Cr\$ 98,00





**EXCLUSIVO**

## GRILAGEM-BAHIA, CASO EUGÊNIO LYRA.



O que acontece a um jovem advogado, de menos de 30 anos, que se decide embrenhar nas profundezas do Médio São Francisco, na Bahia, com o propósito de defender os posseiros da região? Essa é a resposta que Lúcia Maria Lyra, mulher de Eugênio Lyra, assassinado a 22 de setembro passado, dá nessa entrevista exclusiva a EM TEMPO. Enquanto ela falava, eu pensava em sua força, uma força que ela adquiriu no trabalho lado a lado com seu marido, via sua tristeza, talvez acrescida pelas lembranças, sempre presentes, de Eugênio: sua dedicação, seu amor pelos que lutam contra as investidas dos capitalistas da região, suas poesias de amor e de combate.

Sim, bom poeta, com dois livros publicados, um terceiro perdido entre papéis manuscritos, nas mãos de Lúcia. Poeta de coragem que não pensou duas vezes para aceitar o convite da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado da Bahia e ir para Santa Maria da Vitória, a mil quilômetros de Salvador, centro de uma área onde a expansão da grilagem é o seu traço característico, onde o boi expulsa o homem, onde os grandes investimentos acabam com a pequena posse.

O Médio e o Além São Francisco, na Bahia, constituem hoje o palco de uma luta desigual, opondo, de um lado, os capitalistas, que, atraídos pelos créditos oficiais e pelas facilidades proporcionadas em razão dos investimentos governamentais na infraestrutura da região, instalam amplas fazendas de gado na área e, de outro, os posseiros, velhos ocupantes da terra, que são tangidos para fora dela sob a ação de métodos os mais violentos.

E ela o pistoleiro, figura já esquecida em muitas áreas do Brasil, ainda encontra um mercado de trabalho promissor. Foi pelas mãos de um deles que os investidores da região mataram Eugênio Lyra, uma empreitada, que, concluída, custaria Cr\$ 40 mil. Esse o preço da vida de um homem em que, enquanto vivo, não regateou esforços para ajudar aqueles que atualmente são esmagados pelo capital.

Mas, Eugênio, morto (e quando digo isso penso em Lúcia e em sua filha Mariana, nascida pouco mais de dois meses após a morte dele), ainda tem razão. O que semeou, com certeza, permanece calado no coração daqueles com quem conviveu. E seus versos continuam a ecoar pelo São Francisco, como os de "Itinerário", ainda inéditos e feitos menos de um ano antes dele ser assassinado:

*"Certos serão/aqueles que não disserem: 'me entregue'./E assim prosseguem/impávidos./ainda que perseguidos e torturados./sem temor ou medo da Morte."*

(Antonio Dias e Emiliano José)

# "Certos serão aqueles que não disserem: - Me entrego."



**Assassinado a 22 de setembro de 1977 em Santa Maria da Vitória, Bahia, o advogado Eugênio Lyra - contratado pela Federação dos Trabalhadores da Agricultura para defender os posseiros, foi uma das grandes vítimas dos grileiros que através da violência**

**abrem caminho para a penetração do grande capital no Além São Francisco. Em depoimento exclusivo, Lúcia Lyra, mulher e companheira de Eugênio, denuncia os responsáveis pelo assassinato e os outros crimes cometidos em nome da expansão agrícola.**

ca, falando principalmente do que era praticado pela família Fé Souza, isso por volta de agosto de 1976.

No dia em que vim dar entrada num documento na Polícia Federal, eu acabei sendo ouvida durante duas horas e eles dizendo que o sindicato era subversivo mesmo, acusando o presidente do sindicato, perguntando se o sindicato tinha condições de pagar advogado e afirmando que tinham muita documentação contra o sindicato. Diante disso, quando vi a PF chamando os posseiros de invasores, pedi a petição de volta, alegando que as portas estavam fechadas para os trabalhadores. O superintendente me disse que não fazia isso porque a condição da PF era preservar a ordem política e social e que ele iria - ou mandaria um agente - fazer uma visita à cidade. E de fato ele foi, mas pra fazer uma sindicância sobre a vida de Eugênio.

assassinado. Basílio saiu do povoado de São Félix, distrito de Santa Maria da Vitória, no dia 2 de outubro, vindo da feira e foi para casa. Essa foi a última vez que ele foi visto. Então, quando deu de noite a família já começou a se preocupar e até o dia 6 de outubro era todo mundo procurando o Basílio, até que o Eurico Santana Lima, o gerente de Luis Américo, procurou dona Ceci, a viúva, e disse-lhe que o cadáver de seu marido estava numa subida horrível. Quando ela chegou lá estavam o delegado de Santa Maria da Vitória, na época o tenente Joaquinzinho, o médico, Paulo Roberto, que estava respondendo a uma queixa-crime, e o soldado Fernando, que foi tirado de lá por ter matado duas pessoas no Pingo D'Água, o meretricio da cidade. A viúva reclamou o cadáver, mas o tenente disse que ele não tinha morrido de morte matada, mas de colapso e no atestado de óbito disseram que Basílio já tinha até estado em clínica psiquiátrica em São Paulo. Pedimos a exumação, que acabou sendo feita sem a presença da família da vítima ou do advogado. E tudo indicava crime: no local, foram encontradas as compras dele jogadas pelo caminho, cordas, pedaços de pau.

viu, depois, para assassina-lo. Ele chegou a comentar sobre essa arma comigo e com o Cadu, Cláudio da Silva Nery, presidente do Sindicato de Santa Maria. Eles acreditavam ser importante eliminar Eugênio, porque ele estava se constituindo num obstáculo para a tomada de terras na região. E no dia 28 de setembro, ele iria depor na CPI da Grilagem, em desenvolvimento na Assembleia Legislativa da Bahia.

Os posseiros passaram a confiar mais em si mesmos depois da presença de Eugênio e o sindicato já estava com mais de dois mil associados, que aumentaram depois da morte dele. Eu sabia que em fevereiro de 1977, em Mairi, terra de Valdely, o "grileiro" já havia apresentado Wilson Gusmão, o pistoleiro que matou Eugênio, a uma pessoa dizendo que em Santa Maria tinha um advogado que precisava morrer. Mas tem ainda um outro fato que precisa ser lembrado: é o que ficou conhecido como o **COQUETEL DOS GRILEIROS**, promovido pela Coribe Agropecuária S/A, poucos dias antes do assassinato de Eugênio. O coquetel era comemorativo do projeto agropecuário da empresa e até nós fomos convidados a estar presentes, mas nos recusamos.

Até o Joaci Góes tido como acionista majoritário do grupo e proprietário do Tribuna da Bahia, veio de avião para o coquetel. Estavam presentes todos os grileiros da região e no seu decorrer o Valdely de Limas Rios fez um discurso violento contra Eugênio. Ainda durante o encontro - que foi na Associação Atlético Banco do Brasil, no dia 16 de setembro - o Valdely teria dito, alto e bom som, que o homem deveria morrer, referindo-se a Eugênio. No dia 20 de setembro, a Tribuna da Bahia publica uma nota dizendo que Eugênio e Padre Augusto, de Santa Maria, eram os responsáveis pela agitação existente na área. Então, para mim é muito difícil crer que os únicos responsáveis pela morte de Eugênio, além do pistoleiro, sejam Valdely de Limas Rios, João Costa, Abílio Antunes de Oliveira, Cântido de Oliveira, o Ze Pequeno e Alberto Nunes, que não são os maiores investidores da região.

L - Depois que Eugênio foi enterrado em Bonfim, que era sua terra, eu voltei de Salvador com o Delegado Especial destacado pela Secretaria de Segurança Pública, Armando Ulm, e vários investigadores. O clima de desconfiança em relação ao Delegado Regional, Eymard Portugal, era tão grande que a população realmente resolveu se concentrar em frente à delegacia com medo de que se desse fuga aos presos. Eugênio morreu na quinta. No sábado, teve uma missa. Na terça seguinte, eu cheguei lá e quarta e quinta houve passeata dos estudantes, que pediam justiça. E no sábado teve uma passeata de cerca de dois mil lavradores. Eugênio não era querido só pelos posseiros, mas por toda a população que não tinha intenção de roubar terra dos outros.

Agora, a desconfiança da população em relação ao Delegado Regional, Eymard Portugal, tem razão de ser. Quando eu já estava lá, de volta, me apresentaram um auto de reconhecimento de arma com data do dia 24, quando eu fiz o reconhecimento da arma no dia 23. Eu me recusei a assinar. Ele fazia isso exatamente para descaracterizar o flagrante. Hoje o processo está em fase de instrução. Eu acho que as dificuldades são muito grandes e tudo ficará no ponto em que está se não prenderem o "grileiro" Valdely, que pode até ser morto por aqueles que estão envolvidos e ainda não foram denunciados. De minha parte, enquanto eu não souber que ele está morto, vou continuar nisso até o fim porque eu acho que tem muito mais gente metida no assassinato.

Eu reconheço que o juiz de Santa Maria da Vitória, Carlos de Souza Sibirio Neto, é um homem íntegro, correto mas, as coisas não dependem somente dele. Ao final de tudo isso, eu quero dizer que prefiro mil vezes o que estou passando, ter visto o que vi, tudo a ter tido um companheiro salafário, que abdica de seus princípios para se promiscuir com esse tipo de gente que preparou a morte dele. Ando de cabeça erguida, tenho a solidariedade de milhares de pessoas, não só da Bahia. Recebi cartas de lavradores que me pediam pra continuar a luta do Eugênio. Os colegas do Forum de Ipiá, interior da Bahia, inauguraram uma sala com o nome dele. A Biblioteca de Vitória da Conquista tem o nome de Eugênio. E Mariana nunca se envergonhará do pai que teve.

**"A polícia federal foi até Santa Maria da Vitória, mas para fazer uma sindicância na vida de Eugênio."**

ET - E no dia 22 de setembro, assassinaram o Eugênio em praça pública.

Lúcia - Antes de falar na morte quero lembrar que o João Costa, um dos implicados diretos, afirmou sutilmente que o delegado Regional, Eymard Portugal, também estaria envolvido na morte de Eugênio. Para que o pistoleiro matasse Eugênio, segundo os próprios autos, houve preparo psicológico e tudo. O João Costa, que é macumbeiro, realizou uma sessão no hotel Souza, juntamente com o Wilson Gusmão, o Ze Pequeno e o Valdely. E aí jogaram um pó chamado "Abre Caminho" no corpo de Wilson. Foi também preparada uma cera das sete encruzilhadas, tudo para dar coragem ao pistoleiro, isso sem contar a "Oração do Pistoleiro" que ele já trazia consigo. A oração é de São Jorge e tem de ser assinada por uma mulher para dar sorte. E, depois de tudo isso, mais ou menos às 19 horas do dia 22, quando Eugênio ia saindo da barbearia, praticamente à queima-roupa, depois de ter andado atrás de Eugênio por uns dois dias, o pistoleiro o matou. Ele já caiu morto.

Wilson Gusmão tinha certeza de que Eugênio era um homem ruim e só começou a falar e a denunciar os que ele sabia envolvidos depois que foi informado que ele era bom. O Valdely, dono da arma que serviu para matar Eugênio está solto até hoje e eu não sinto qualquer preocupação por parte da polícia em prendê-lo. E ele preso deverá falar muita coisa. O pistoleiro foi preso na entrada da fazenda do Alberto Nunes, onde certamente iriam matá-lo porque o plano era não deixá-lo vivo.

**"No coquetel dos grileiros um deles disse que Eugênio deveria morrer."**

ET - Dizem que a população se colocou em frente à Delegacia com medo de que os presos fugissem...

ET - Você poderia lembrar os principais problemas enfrentados?

L - Bem, desde o início enfrentamos problemas. Na defesa de posseiros, tivemos de impedir ações contra a família Fé Souza, Valdely de Lima Rios, Jener Pereira Rocha, Alberto Nunes, a empresa do grupo da Tribuna da Bahia, jornal de Salvador, que é a Coribe Agropecuária S/A. Essa última está grilando muita terra na região e tem um gerente, um tal de Chico Velho, que na época de uma grilagem na área de Canabrava, atirou num camarada de lá.

ET - E o sindicato, Lúcia, como era?

L - O sindicato sempre foi bom. É que o pessoal não tinha mesmo condição, por falta de recursos, de atender melhor aos casos. Agora, quanto aos trabalhadores, quando chegamos lá, percebemos que eles consideravam a grilagem um problema individual, de Joaquim, de José, de Pedro. Mas, depois foram tomando consciência de que era um problema de todos e que, portanto, todos estavam sujeitos a serem grilados. E começaram a se reunir.

E as coisas começaram a engrossar, a violência a aumentar.

**"Prefiro mil vezes o que estou passando a ter tido um companheiro salafário que abdicasse de seus princípios. Minha filha Mariana nunca se envergonharia do pai que teve."**

ET - Foi quando ocorreu a primeira tentativa de invasão da residência de vocês?

L - Sim, isso foi no dia 20 de março de 1977. O Agostinho Alexandrino de Souza estava grilando terras no Furado do Pires, um local que se constitui numa verdadeira comunidade. Num primeiro momento, o pessoal ficou amedrontado, mas chegou um instante em que os trabalhadores começaram a ficar destemidos e a derrubar as cercas feitas nas terras que ocupavam, a se recusar a sair delas. No dia 19, no mercado, o "grileiro" agrediu um dos trabalhadores, o Joaquim Manoel Dourado, e disse que tinha 12 balas para o barbudo - o barbudo era Eugênio. E no outro dia, tomou os pileques deles e de noite foi invadir nossa casa.

Alexandrino chegou à frente da casa e disse que queria conversar com Eugênio, que, vendo a embriaguez em que ele se encontrava e já sabendo da ameaça, resolveu não abrir a porta. Nossa porta estava trancada e os dois pastores alemães que tinhamos e que impediram que ele invadisse a casa. O grileiro estava armado, mas antes de chegar à nossa porta, entregou a arma pra um de seus comparsas. E no outro dia eu soube que a trama era essa: ele, bêbado, provocava Eugênio; este reagiu e o outro, a pretexto de defender Alexandrino, mataria Eugênio. Era a primeira tentativa, que fracassou. Apresentamos uma queixa-crime, que não teve maiores consequências.

ET - E a morte de Basílio Caldeira, Lúcia?

L - Os gerentes dos fazendeiros de lá são ja-guãos, homens de reconhecida periculosidade. Um dos fatos mais graves que ocorreram na área, em 1976, outubro, foi a morte de Basílio Caldeira, na fazenda de Luis Américo Lisboa. Ele estava se recusando a vender sua terra e por isso foi

Antonio Dias



Lúcia Lyra: tem muita gente envolvida no assassinato do Eugênio.

Em Tempo - Vamos falar de Santa Maria da Vitória, da decisão de vocês irem para lá.

Lúcia - Já sabíamos perfeitamente que a região era a preferida dos grileiros, que para lá se deslocavam capitais de todo o Estado que, por isso, era muito violenta. Começamos em abril de 1976, antes mesmo de rescindirmos todos os outros compromissos, efetivando um contrato de três meses apenas. Mas gostamos e resolvemos ficar por lá. De início, Eugênio ficava responsável pelos sindicatos de Santa Maria da Vitória, Bom Jesus da Lapa, Santa e Serra Dourada. Ficamos apenas com os dois primeiros, contratados pela Fetag.

ET - Quais foram as primeiras investidas dos grileiros sobre Eugênio?

L - Eugênio chegou a Santa Maria da Vitória, uma cidade que hoje deve ter uns 30 mil habitantes, no dia 4 de abril de 1976. No dia 5 foi abordado pelo Geraldo Fé Souza, um dos grileiros da área. Com uma conversa mole, ele foi dizendo que sabia que Eugênio era advogado do sindicato, que estava lá com uns invasores - ele chamava os posseiros de invasores - e, de repente, lá veio a proposta de suborno, prontamente repelida.

O Geraldo Fé Souza é muito ligado ao Valdely de Lima Rios, um dos mandantes do assassinato de Eugênio. Depois da negativa, eles dois começaram a vir à Polícia Federal para denunciar Eugênio como subversivo. Ai, nós começamos a, também, nos dirigir aos órgãos de segurança, dando conta da situação da área. Eu tenho cartões de protocolo. Nos oficiais denúncias à VI Região Militar, Polícia Federal e Secretaria de Segurança Públi-



Criando sindicatos em vilarejo: como o de Descoberto, Eugênio Lyra, desafiou os grileiros. I por isto, morreu.